

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/HISTÓRIA

CAROLYNE DE JESUS CANTANHEDE MOREIRA

RITMANDO RESISTÊNCIAS: MULHERES NEGRAS NO REGGAE DE CODÓ-MA

CODÓ-MA

2025

CAROLYNE DE JESUS CANTANHEDE MOREIRA

**RITMANDO RESISTÊNCIAS: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NO
REGGAE DE CODÓ-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão, CCCO, como requisito para a obtenção do título de graduada em licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jascira da Silva Lima

CODÓ-MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Moreira, Carolyne de Jesus Cantanhede.

RITMANDO RESISTÊNCIAS: : MULHERES NEGRAS NO REGGAE DE
CODÓ-MA / Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira. - 2025.
74 f.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó-ma, 2025.

1. Reggae. 2. Mulheres Negras. 3. Resistência. 4.
Identidade. 5. Codó. I. Lima, Jascira da Silva. II.
Título.

Carolynne de Jesus Cantanhede Moreira

Ritmando Resistências: A participação das mulheres negras no reggae de Codó-Ma

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/ História da Universidade Federal do Maranhão, CCCO, como requisito para a obtenção do título de graduada em licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em História.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jacira da Silva Lima

Aprovada ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Pr^a. D^a. Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Centro de Ciências de Codó-CCCo

Ma. Soraia Lima Ribeiro de Sousa
Técnica em Assuntos Educacionais
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Centro de Ciências de Codó-CCCo

Pr^a.D^a. Prof^a. M^a. Cinthia dos Santos Moreira
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Centro de Ciências de Codó-CCCo

CODÓ-MA

2025

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Telma Cantanhede, e ao meu pai, Luís Francisco da Silva Moreira - as razões pelas quais tento dar o melhor de mim a cada segundo. Estendo essa dedicação aos meus irmãos, Caick Cantanhede e Francisco Cantanhede (Gugu), pelo apoio constante, aos meus sobrinhos, Anthony Pietro, Nicolas Benício e Lua Aurora, que tornam os dias mais leves, aos meus amigos, Ana Luiza, Bruna Esterfanya, Pablo Augusto e Gildean que me acompanharam e auxiliaram ao longo de toda a caminhada, a todas aquelas que fazem reggae e em memória de todas que partiram antes e durante a construção do estudo, reverencio vossas sabedorias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grupo de Pesquisa e Ensino de Ciências Humanas (PenCiH), especialmente à linha de pesquisa sobre Identidade e Cultura, Gênero e Diversidade, pelo acolhimento, pelas ricas discussões e pelas contribuições teóricas e metodológicas que tanto ampliaram meu olhar crítico e sensível ao longo desta caminhada. O ambiente colaborativo e reflexivo proporcionado pelo grupo foi fundamental para o amadurecimento deste trabalho e para minha formação acadêmica e pessoal.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pelo apoio financeiro por meio dos programas de fomento à iniciação científica, fundamentais para a realização deste trabalho. O incentivo à pesquisa estudantil proporcionado por essa instituição foi decisivo para o desenvolvimento acadêmico e científico ao longo deste percurso.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelo apoio e contemplação dos planos de pesquisa “Entre Restrições e Resistências: Uma análise da participação das mulheres afrodescendentes no cenário do reggae codoense” (2024) e “Mulheres afrodescendentes e a cultura do reggae em Codó” (2022-2023). O incentivo e o fomento proporcionados foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, possibilitando a continuidade das investigações e culminando na presente análise apresentada no TCC.

Expresso, ainda, minha profunda gratidão à minha orientadora, Dr^a Jascira da Silva Lima, pela orientação firme e generosa, pelas contribuições valiosas, pela escuta atenta e pelo incentivo constante que foram essenciais para a concretização desta pesquisa.

“Won't you help to sing these songs of freedom?”

(Você não vai ajudar a cantar estas canções de liberdade?)

Bob Marley - Redemption song (1980)

RESUMO

Codó (MA) apresenta um rico arcabouço cultural e religioso, onde os mistérios das tradições afro-indígenas se entrelaçam aos sons que percorrem suas ruas. Ao anoitecer, os tambores do Terecô embalam a cidade com suas melodias ancestrais, ao amanhecer, é o reggae que desperta os corpos e anuncia o cotidiano. Este estudo tem como objetivo analisar os entrelaçamentos da cultura reggae na vida das mulheres negras codoenses, compreendendo de que forma esse ritmo tem sido utilizado por elas como instrumento de resistência, afirmação identitária e existência diante de um cenário machista, racista e violento. O reggae se torna ferramenta de enfrentamento às opressões de gênero e raça, possibilitando às mulheres negras visibilidade e pertencimento no contexto sociocultural de Codó. A metodologia da pesquisa foi norteada pela abordagem qualitativa, com ênfase na escuta das narrativas das participantes e na observação de suas práticas culturais, considerando o reggae como experiência vivida e compartilhada. O referencial teórico apoia-se em conceitos como identidade cultural (Stuart Hall), hibridização cultural (Néstor García Canclini), bem como em reflexões sobre mulheres, resistência e práticas culturais (Rachel Soihet). A partir desses aportes, busca-se compreender as múltiplas formas pelas quais o reggae, em diálogo com as tradições locais, é ressignificado no cotidiano dessas mulheres.

Palavras Chave: Reggae; Mulheres negras; Resistência; Identidade, Codó.

ABSTRACT

Codó, Maranhão, boasts a rich cultural and religious landscape, where the mysteries of Afro-Indigenous traditions intertwine with the sounds that permeate its streets. At dusk, the Terecô drums rock the city with their ancestral melodies; at dawn, reggae awakens bodies and announces the daily routine. This study aims to analyze the intertwining of reggae culture in the lives of Black women from Codó, understanding how this rhythm has been used by them as an instrument of resistance, identity affirmation, and existence in the face of a sexist, racist, and violent environment. Reggae becomes a tool to confront gender and racial oppression, enabling Black women to gain visibility and sense of belonging within the sociocultural context of Codó. The research methodology was guided by a qualitative approach, with an emphasis on listening to the participants' narratives and observing their cultural practices, considering reggae as a lived and shared experience. The theoretical framework is based on concepts such as cultural identity (Stuart Hall), cultural hybridization (Néstor García Canclini), as well as reflections on women, resistance, and cultural practices (Rachel Soihet). Based on these insights, the aim is to understand the multiple ways in which reggae, in dialogue with local traditions, is reinterpreted in the daily lives of these women.

Keywords: Reggae; Black women; Resistance; Cultural, Codó.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 01: Mesa de som da radiola ludovicense Lion System em evento festivo na cidade de Codó.....	21
Imagem 02: Parte da radiola ludovicense Lion System em evento festivo na cidade de Codó	22
Imagem 03: Divas do Roots dançando agarradinho na Universidade Federal do Maranhão.	23
Imagem 04: Show do cantor jamaicano Sly Fox	31
Imagem 05: Festa Amantes do Roots	32
Imagem 06: Coletivo Divas do Roots dançando na feira de artesanato de Codó	32
Imagem 07: Coletivo Divas do Roots.....	33
Imagem 08: Reggae na casa de Folclore Izabel Cafeteira	45
Imagem 09: Calçado confeccionado pelas regueiras	47
Imagem 10: Roupas e Acessórios confeccionados pelas regueiras	48
Imagem 11: Penteados afros utilizados pelas regueiras	48
Imagem 12: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots.....	49
Imagem 13: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots.....	49
Imagem 14: Morador comercializando peças de artesanato em evento de reggae	49
Imagem 15: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots.....	49
Imagem 16: DJ Rozangela Marley do coletivo Mulheres Root	57
Imagem 17: Doação de alimentos idealizado pelo coletivo Mulheres Roots	57
Imagem 18: Encontro social das Mulheres Roots	58
Imagem 19: Participação Mulheres Roots boteco do resumo.....	58
Imagem 20: Participação no programa Pedacinho do Brasil da Tv me conta	58
Imagem 21: Coletivo Divas do Roots na feira de artesanato da Cidade.....	59
Imagem 22: Croqui da apresentação feito pela entrevistada	63

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: identidade racial.....	38
Gráfico 2: Identificação de gênero.....	39
Gráfico 3: Situação econômica	39
Gráfico 4: Local de residência dos consumidores de reggae	39
Gráfico 5: Índice de violência sofrida pelos frequentantes	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Lista de estabelecimentos mapeados na cidade de Codó	36
--	----

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO 1: O REGGAE APORTA NO MARANHÃO: DE ILHA DO AMOR À JAMAICA BRASILEIRA.....	17
1.1 A Chegada e consolidação do reggae no Maranhão	17
1.2 A migração do reggae para o interior do Maranhão	25
1.3 As pedras rolam em Codó.....	27
CAPITULO 2: CADÊ O REGGAE DO TEU BAIRRO?	33
2.1 Reggae e Espaço Urbano: Perfil Socioeconômico e Mapeamento dos estabelecimentos	33
2.2 Os bailes de reggae pelas periferias codoenses.....	43
2.3 O reggae como instrumento de transformação social	45
2.4 O Mulheres Roots e o enfrentamento ao machismo	50
CAPITULO 3: SONS E LUTAS: A MULHER NEGRA E A AUTONOMIA NO REGGAE	52
3.1 Amor, Resistência e Violência: Mulheres Negras e o Reggae	52
3.2 De damas do reggae à Mulheres e Divas do Roots.....	55
3.3 Surge mais uma Guerreira do Terceiro Mundo	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ENTREVISTADAS	67
APÊNDICES	68

INTRODUÇÃO

Antes de adentrar no estudo de fato, acredito que seja importante estabelecer o nível de relação que tenho com o reggae, em que contexto surge a necessidade de investigar a participação de mulheres negras no reggae codoense e os porquês de dar continuidade na pesquisa sobre o tema e suas especificidades.

Nascida e criada na periferia de Codó (município brasileiro do estado do Maranhão. Localiza-se no Leste do estado, na microrregião homônima. É polo da Região dos Cocais. Possui uma área de 4 364,499 km² e sua população foi estimada em 123 116 habitantes, sendo o sexto município mais populoso do estado (IBGE, 2022), no bairro Codó Novo, o reggae sempre esteve presente na minha vida, percebido enquanto som que embalou minha infância. Dentro de casa meu pai, Luis Francisco, costumeiramente ouvia reggae na caixa de som enquanto fazia suas atividades, logo meu primeiro contato com o reggae tem sua origem a partir dos melôs ouvidos pelo meu pai em casa, mobilizando assim os afetos que nos conectam.

Porém meu contato com o reggae não se restringiu somente a privacidade do meu lar, no meu bairro, bem próximo a minha residência encontra-se uma espécie de rádio comunitária localizada dentro de um terreiro de umbanda que funciona duas vezes ao dia, no início da manhã e ao final da tarde, na qual tocam muitas músicas e dentre essas existem dois ritmos que sobressaem, o reggae e o forró. Assim, rotineiramente toda a comunidade ouve as notícias e propagandas, bem como consome reggae.

Já no meu convívio escolar, o reggae também marcava presença de forma bastante significativa. Às segundas-feiras, era comum ver as ruas próximas à escola ainda enfeitadas com bandeirolas nas cores vermelho, amarelo e verde, sinal explícito de que, no domingo anterior, havia acontecido uma festa de reggae naquele local. Esses vestígios não se limitavam à rua, no ambiente escolar muitos colegas usavam roupas e acessórios que remetiam à estética do reggae, demonstrando o quanto esse gênero musical atravessava a rotina, os corpos e as identidades da juventude codoense, inclusive dentro da escola.

Compunha o estilo dos estudantes adolescentes da periferia onde vivo, a corrente prata ou terço de silicone colorido no pescoço, blusa de farda, boné, calça jeans, Kenner (para aqueles que optavam por não usar tênis), uma pulseira do reggae amarrada no tornozelo. Fora da escola o modo de se vestir era outro, mas a corrente, o terço e a pulseira do reggae eram marcas registradas de todos os estudantes, sem distinção de gênero.

Até os nomes próprios espelhavam a influência do reggae, no ensino fundamental I estudei com uma menina chamada Anna Marie que recebeu esse nome em homenagem a Donna Marie uma cantora de reggae Britânica, já no fundamental II, estudei com um menino chamado de Erick Donaldson, em alusão ao cantor de reggae Jamaicano.

Para além destes aspectos, haviam outras simbologias referentes ao reggae presentes em meu bairro, como nas paredes dos bares e salões de cabeleireiro com desenhos de leões (o leão é frequentemente associado ao reggae, pela sua origem africana e seu vínculo com a fé rastafari), bandeiras jamaicanas, pinturas de bustos de cantores de reggae, e ainda eventos em clubes de reggae no bairro.

Assim fui reconhecendo o quanto o reggae está presente em minha vida. No início o reggae era apenas música para curtir, música de preto como uma vez disse minha avó (não de uma maneira positiva). Depois de entrar na universidade, fui sendo instigada a buscar entender o significado do reggae, e o que ele simboliza não só para o meu bairro, mas também para as demais comunidades da cidade. Afinal merece reflexão o fato de uma criança ser nomeada de Eric Donaldson, ou que a bandeira da Jamaica seja içada com tanto fervor em Codó, que está localizada a 4.437 quilômetros de distância da Jamaica. Esta cidade professa fielmente este ritmo musical originado em outro país, mas que foi incorporado enquanto movimento aqui. Cabe perguntar: por que o reggae se faz tão importante ao ponto de pessoas se organizarem enquanto comunidades para praticá-lo? E por fim, quem são essas pessoas que se organizam coletivamente através do reggae?

Em 2022 ao participar do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) surgiu a oportunidade de pesquisar sobre manifestações culturais locais, com o plano de trabalho vinculado ao projeto sociológico sobre Cultura e Juventude: os usos e as interpretações da cultura pela juventude codoense. Foi o convívio e as aproximações da equipe do projeto com grupos culturais da cidade, durante as atividades do projeto, que despertou na equipe a necessidade de investigar detalhadamente a cultura do reggae em Codó-MA, pois foi identificado grupos de Reggae composto por mulheres.

Entretanto em razão do contexto global que existia em 2020-2023 devido a COVID-19¹, a pesquisa teve algumas limitações, inicialmente o plano consistia na investigação de coletivos regueiros formados somente por mulheres, todavia o contato com os mesmos foi

¹ Durante o segundo semestre de 2021, ainda impactados pela Pandemia de Coronavírus (COVID-19), com a flexibilização para realização de atividades presenciais, seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde OMS, ou seja, eventos realizados em locais abertos, com número de pessoas limitadas, mantendo o distanciamento social e o uso de máscara e álcool gel para higienizar as mãos.

inviabilizado, contudo a pesquisa foi efetuada com os resultados provenientes de entrevistas com outras mulheres negras que participavam do movimento regueiro mesmo que não estivessem ligados a um coletivo.

Ao final da execução dos planos de trabalho, constatou-se que a entrada das mulheres afrodescendentes na esfera pública em Codó foi historicamente marcada por estigmas e violências, tanto físicas quanto simbólicas. Observou-se que a inserção delas no reggae, em grande parte, ocorre por meio de redes de outras mulheres negras, que desempenham diferentes funções dentro dos bailes e enfrentam resistências masculinas para garantir sua presença nesses espaços. Os resultados evidenciam que o reggae assume um papel fundamental na vida dessas mulheres, funcionando como meio de expressão, afirmação identitária e resistência.

Com o findar dos planos de pesquisas, ainda existiam lacunas a serem preenchidas, assim surge a necessidade de dar continuidade com as pesquisas sobre o tema, originando este trabalho de conclusão de curso.

Tendo em vista todas as questões citadas anteriormente, também são objetivos deste estudo contextualizar sobre a história do reggae, desde de sua origem na Jamaica até a chegada no Brasil, principalmente aquilo que tange a sua consolidação no estado do Maranhão, o exercício do mesmo em bairros periféricos da cidade de Codó-Ma, suas transformações sociais, bem como explorar a participação das mulheres negras nesse cenário.

Para alcançar todos os objetivos traçados, fiz uso de um vasto material de pesquisa bibliográfica e de campo com entrevistas gravadas, fotografias dos bailes de reggae, mapeamento de espaços/estabelecimentos voltados para o reggae, bem como a criação de um perfil socioeconômico e identitário daqueles que compõem o movimento regueiro da cidade.

A predileção por trabalhar a trajetória histórica do reggae se deve à presença do mesmo em bailes da cidade. Ao observá-lo constatamos que este se revelou majoritariamente masculino. Deste modo, este estudo busca traçar a trajetória das mulheres negras no cenário do reggae, analisar como, nos últimos anos, têm sido superadas as desigualdades de gênero e como estas através da prática do reggae promovem transformações sociais, bem como compreender o reggae como um instrumento de afirmação de ação social, identitária e uma ferramenta estratégica para a promoção da autonomia feminina em suas lutas sociais e políticas.

O estudo tem como referências fontes bibliográficas que abordam o tema em questão. Nesse contexto, a definição do termo "cultura" torna-se essencial para identificar e caracterizar elementos específicos presentes em diferentes contextos. Além disso, é crucial compreender

os conceitos relacionados a "cultura", "mulheres negras e de classes populares", "estigmas" e "violência", que constituem os principais eixos temáticos a serem explorados neste estudo.

Este adotou abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre identidade cultural, hibridização, gênero e resistência, tomando como referência autores como Stuart Hall (2006) e Soihet (1997). Foram utilizados formulários online para coleta de dados, bem como a investigação de coletivos de reggae e o mapeamento dos estabelecimentos onde essa prática ocorre em Codó. Além disso, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com mulheres negras inseridas no cenário do reggae, permitindo compreender suas trajetórias e experiências. A interpretação dos dados articulou as narrativas coletadas com os referenciais teóricos, buscando evidenciar como o reggae se constitui como espaço de identidade, resistência e afirmação para essas mulheres.

No primeiro capítulo intitulado O reggae aporta no Maranhão: de Ilha do Amor à Jamaica Brasileira. Trataremos sobre o conceito de cultura, reggae e sua trajetória, a bibliografia, *Cultura: Um conceito antropológico* (2001) de Roque de Barros Laraia o autor conceitua cultura enquanto a maneira de ver o mundo, apreciações tanto de ordem valorativa e moral. Assim como Stuart Hall e sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade* (2006) que descreve cultura nacional como um modo de construir sentidos capazes de influenciar e organizar tanto no que diz respeito às nossas concepções quanto à concepção que temos de nós mesmos. Tendo isso em vista, os estudos dos autores corroboram para o entendimento do reggae tanto como cultura, como forma de identidade cultural.

Muito embora o ritmo do reggae tenha uma predominância notável na cidade de Codó, desde bares temáticos, bailes, radiolas até roupas personalizadas, ainda assim existem lacunas no que diz respeito à análise de seus efeitos e simbologia para a sociedade. Um dos primeiros estudos que se tem registro é intitulado de *Das terras das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural* (1995) de autoria do antropólogo Carlos Benedito da Silva, onde o mesmo discorre a respeito da chegada do reggae em terras brasileiras (São Luís) e ainda dialoga sobre a consolidação do ritmo nas periferias da cidade, devido às populações negras e pobres terem se identificado e assimilado a novidade a uma cultura já pertencente a eles. Dada a carência de produções bibliográficas sobre o tema que retrate a realidade de Codó, esperamos que este estudo possa contribuir como subsídio para pesquisas futuras.

No segundo capítulo, Cadê o reggae do teu bairro? com o intuito de identificar quem são aqueles que fazem reggae e a forma que o fazem, bem como identificar espaços/estabelecimentos e como o reggae transforma esses espaços, foi construído e aplicado

com a utilização da ferramenta do Google Forms formulário online com a capacidade de coletar dados sobre identificação de gênero, racial, situação econômica e outros. A bibliografia fica a despeito de Marcio Zamboni e sua obra “*Marcadores Sociais da Diferença*” (2014) na qual o mesmo debate sobre o “modo de olhar para as diversas formas de diferença e desigualdade presentes na sociedade contemporânea”, no mesmo segmento temos como complemento o livro “*Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*” (2019) de Luis Felipe Koj Hirano *et al.*

O terceiro e último capítulo, dedicado a traduzir os sentimentos envolvidos na relação das mulheres negras com o reggae, narrar suas trajetórias, entender como estas trabalham para a manutenção dessa expressão cultural, identificar a maneira como são percebidas e tratadas à luz do conservadorismo no ambiente a qual pertencem e investigar o por que das mesmas serem invisibilizadas, estereotipadas, violentadas e excluídas de espaços que elas mesmas trabalharam para erguer e manter.

Neste capítulo o aporte teórico está ancorado nas obras de *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano* (1997) de elaboração da autora Raquel Soihet onde traz embasamento para as argumentações sobre os perigos nos quais as mulheres pobres enfrentam fora de casa, nas ruas, não somente a violência física, mas também agressão verbal por estarem sem acompanhantes (homens) durante o período da noite nas ruas retornando de seus empregos. *Em Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas* (1989) da mesma autora, traz à tona o discurso da construção da sociedade sob tutela de preceitos patriarcais, onde a figura masculina exerce superioridade sobre a figura feminina. Os dois trabalhos da autora dialogam diretamente com a posição feminina abordada neste estudo, uma vez que as mulheres são desvalorizadas, sobrecarregadas (dentro e fora do lar) de tarefas e mesmo assim ainda são inferiorizadas, agredidas física e verbalmente estigmatizadas.

Quando se trata de opressão o primeiro grupo atingido por esse sistema é a população negra, porém dentro dessa etnicidade existe um grupo que é ainda mais oprimido e violado, as mulheres negras. Se colocadas em um esquema piramidal de posição social, estas se encontrariam abaixo das mulheres brancas que estão abaixo do homem negro, abaixo do homem branco, logo sofrem com as injúrias e opressões das demais partes da pirâmide. A pesquisa bibliográfica *Mulheres negras, opressões, feminismo negro e entretenimento* (2018), de Camila Vieira da Silva de Assis, a autora discute sobre as opressões nas quais as mulheres

negras enfrentam diariamente a partir da relação de raça e gênero, bem como as violências vivenciadas por esse grupo e os estigmas relacionados a elas.

Em *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1891), Erving Goffman, traz à tona a origem dos estigmas relacionados a certos grupos presentes na sociedade. Goffman define estigma como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (1891, p.4), ainda discorre que a sociedade constrói padrões/ rótulos que ditam como os outros devem ser e se comportar e naturaliza esses rótulos, ao ponto de que qualquer desvio que não esteja dentro das normas consideradas naturais se constrói categorias que o autor as classifica como “normais” e “estigmatizadas”.

Neste fluxo encerro o capítulo com uma reflexão sobre o reggae enquanto uma ferramenta de luta política em um mundo historicamente marcado pela dominação masculina. Esse gênero musical, que nasceu da resistência e do clamor por igualdade, transcende barreiras culturais e sociais, tornando-se um espaço de expressão para as vozes silenciadas. Esse diálogo entre música, política e gênero evidencia como o reggae não é apenas um estilo musical, mas uma plataforma de transformação social e de emancipação coletiva, especialmente para as mulheres negras que desafiam as desigualdades e encontram nele uma voz potente para suas lutas e conquistas.

1 O REGGAE APORTA NO MARANHÃO: DE ILHA DO AMOR À JAMAICA BRASILEIRA.

O primeiro capítulo parte de um olhar mais abrangente sobre a história, significado, inserção e o processo de assimilação e consolidação do reggae nas comunidades maranhenses, da capital (São Luís) até a chegada do mesmo em comunidades menores, como na cidade de Codó, e como este fenômeno conversa com os consumidores do mesmo, para tal, o capítulo é dividido em dois subtópicos reservados a exposição das ideias.

1.1 A Chegada e consolidação do reggae no Maranhão

Ao longo da história, diversas lideranças emergiram com o propósito de fortalecer a identidade negra e lutar contra os impactos da colonização e da escravização. Dentre essas figuras, destaca-se Marcus Garvey, um dos mais influentes ativistas do pan-africanismo no século XX. Seu pensamento e atuação foram fundamentais para a construção de movimentos

que reivindicavam a autonomia dos povos afrodescendentes, incentivando a unidade e o fortalecimento cultural da diáspora africana.

Dentre os movimentos influenciados por sua ideologia, o rastafarismo merece destaque. Originado na Jamaica nos anos 1930, esse movimento religioso e sociocultural incorporou elementos do pan-africanismo² e do messianismo³, encontrando em Garvey um de seus principais precursores. Sua profecia sobre a coroação de um rei negro na África foi posteriormente associada à ascensão de Haile Selassie I, imperador da Etiópia, que se tornou a figura central da fé rastafári.

Segundo Ferreira (2010) o rastafarismo foi um movimento milenarista, revivalista e revolucionário. Em meados da década de 1940 adotaram os dreadlocks e o uso sacramental da ganja⁴, consolidando sua estética e cultura. Influenciado pelo pan-africanismo, pelo garveyismo e por correntes hindus e revivalistas, o rastafarismo desenvolveu uma leitura étnica e individualizada da Bíblia, identificando Jeová (Jah) na figura de Selassié e considerando a Etiópia o paraíso.

Na Jamaica, o movimento tornou-se uma alternativa para a população marginalizada, sem acesso à educação e oportunidades. No cenário jamaicano esse movimento se configurou numa “alternativa de construção da nacionalidade para milhares de jamaicanos, que viviam no desemprego e na marginalidade. Sem escolas e sem condições de exercer sua cidadania [...]” (Silva, *apud* Ferreira, p. 132, 2010).

Rabelo (2006) concede os créditos pela difusão dos ideais do rastafarismo ao ritmo musical reggae, que por sua vez através das letras denunciam a situação econômica, política e social que a Jamaica se encontrava.

² O pan-africanismo é uma ideologia que defende a união dos povos africanos e afrodescendentes de todo o mundo. O movimento surgiu no final do século XIX, nos Estados Unidos e no Caribe, entre os negros da Diáspora (Barbosa, 2015).

³ É a crença na vinda de um enviado divino que trará justiça, paz e felicidade. Pode também significar a esperança em um salvador ou reformador de algo ou alguém (Negrão, 2001).

⁴ Um dos elementos das práticas Rastafari é o uso sacramental de cannabis, também conhecida como “ganja” ou “erva”. Além disso, os Rastafaris acreditam firmemente que a cannabis é um presente divino de Deus, possuindo notáveis propriedades curativas e auxiliando na meditação e na conexão espiritual. Este uso sagrado da cannabis tem as suas raízes nas interpretações bíblicas, onde as folhas da árvore são reconhecidas como elementos curativos, validando o seu significado espiritual. Dacal, 2018, In: <https://andriadacal.com.br/f/o-rastafari-e-a-cannabis>

O reggae é um gênero musical que surgiu na Jamaica no final da década de 1960, evoluindo a partir de ritmos jamaicanos anteriores, como o ska e o rocksteady. Com um compasso característico em 4/4 e acentuação no contratempo (offbeat), o reggae consolidou-se como um dos mais importantes gêneros musicais do Caribe, tornando-se um símbolo de identidade cultural e resistência social.

(...) o ritmo jamaicano do reggae, base para a divulgação dos ensinamentos rastas, foi o resultado híbrido da mistura do calipso, ska e rock steady jamaicanos com o rhythm'n'blues e o soul norte-americanos (Rabelo, p. 9, 2006).

As raízes do reggae estão profundamente ligadas às influências africanas, ao ritmo e blues americano (R&B) e às tradições musicais caribenhas. O gênero também foi fortemente influenciado pelo rastafarismo, incorporando mensagens espirituais, sociais e políticas em suas letras. Temas como a opressão dos povos negros, a luta por igualdade e a conexão com a África são recorrentes nas canções do reggae, especialmente na obra de artistas como Bob Marley⁵ e Peter Tosh⁶.

Além de ser um movimento musical, o reggae se tornou um fenômeno global, alcançando reconhecimento internacional e influenciando diversos outros estilos musicais. Em 2018, a UNESCO⁷ declarou o reggae como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, destacando sua importância na promoção da justiça social, na resistência cultural e na preservação da identidade jamaicana.

A expansão do reggae além das fronteiras da Jamaica ocorreu de maneira significativa a partir da década de 1970, impulsionada por diversos fatores, como a popularidade de Bob Marley & The Wailers⁸, a crescente globalização da música e a forte conexão do gênero com movimentos sociais e políticos ao redor do mundo.

⁵ Foi um cantor e compositor jamaicano famoso por popularizar internacionalmente o gênero reggae. Três anos antes de sua morte, foi condecorado pela ONU com a "Medalha da Paz do Terceiro Mundo".

⁶ Músico pioneiro de reggae/ska, conhecido pela sua militância em prol dos direitos humanos e da legalização da maconha.

⁷ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU), fundada em 16 de novembro de 1945 com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo (ONU, 2022).

⁸ The Wailers (anteriormente conhecida como The Teenagers, The Wailing Wailers e The Wailing Rude Boys) foi uma banda jamaicana de reggae criada em 1962 por Bob Marley, Peter Tosh, Bunny Wailer, Beverley Kelso, Cherry Smith e Junior Braithwaite.

Com suas mensagens de resistência, espiritualidade e igualdade, o reggae encontrou espaço em diferentes continentes, sendo adotado por diversas culturas. Na Inglaterra, por exemplo, a imigração caribenha contribuiu para a disseminação do gênero, influenciando o desenvolvimento de estilos como o dub⁹ e o dancehall¹⁰. Nos Estados Unidos, o reggae se misturou com o hip-hop, criando novas vertentes musicais.

Já no Brasil, o reggae chegou especialmente ao estado do Maranhão, onde se tornou um dos gêneros mais populares, sendo adaptado e incorporado a cultura local. A capital São Luís ficou conhecida como a "Jamaica Brasileira", devido à grande aceitação do ritmo e a presença de radiolas de reggae, que são grandes sistemas de som que promovem festas.

A difusão do reggae também ocorreu por meio do cinema, da mídia e de festivais internacionais, consolidando sua posição como um movimento cultural global. Hoje, o reggae continua a influenciar diversas vertentes musicais, mantendo sua relevância na luta por justiça social e na promoção da identidade cultural dos povos afrodescendentes.

No que se refere à chegada do reggae ao Maranhão em meados das décadas de 1970 e 1980, há duas principais teorias que buscam explicar esse fenômeno. A primeira sugere que marinheiros que aportavam em São Luís, sem recursos financeiros para adquirir insumos ou frequentar estabelecimentos de lazer, utilizavam discos de vinil contendo diversos gêneros musicais como forma de moeda de troca. Dessa maneira, o reggae teria sido introduzido na cultura local por meio dessas trocas comerciais informais (Silva, 1995).

A segunda teoria aponta para a compatibilidade entre os aparelhos de rádio utilizados no Caribe e aqueles presentes no Maranhão. Essa similaridade tecnológica teria permitido a captação de ondas sonoras provenientes do Caribe, possibilitando à população maranhense o contato direto com ritmos caribenhos, incluindo o reggae (1995). Assim, a difusão do gênero na região teria ocorrido inicialmente por meio das transmissões radiofônicas, antes de se consolidar como uma expressão cultural significativa no estado. Diferente do restante do Brasil, onde o reggae se consolidou principalmente como parte do movimento Rastafári, no

⁹ Dub é um estilo de música eletrônica que surgiu no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. É um subgênero do reggae, mas se desenvolveu para além desse estilo.

¹⁰ O dancehall digital, também conhecido como ragga, é mais rápido e tem ritmos menos ligados ao reggae original.

Maranhão, ele foi absorvido com características próprias, tornando-se um dos principais gêneros musicais do estado.

Silva (1995), um dos principais pesquisadores da cultura reggae no Maranhão, destaca que a assimilação desse ritmo se deu por um processo espontâneo de identificação da população com as batidas envolventes e as letras, que falavam de resistência e espiritualidade, temas que coadunam com a realidade local. A aceitação do reggae ocorreu, sobretudo, entre as camadas populares, consolidando-se como um fenômeno cultural e socialmente relevante.

As teorias que explicam a disseminação do reggae no estado, inclui tanto a influência das rádios locais quanto a circulação de discos importados, muitas vezes adquiridos por viajantes e revendidos nas feiras. Esse intercâmbio criou um acervo significativo de reggae roots, que impulsionou a formação de uma identidade sonora própria.

Nesse sentido, a adoção do reggae enquanto alternativa de lazer e identificação seria consequência de uma familiaridade com ritmos caribenhos predominantes em algumas regiões do Maranhão, especialmente a chamada Baixada Maranhense, e também de identificação desse ritmo com algumas danças da cultura popular, mantidas como tradição pela população rural do Estado (Silva, p. 114, 1995).

O Maranhão já possuía ritmos afro-caribenhos em sua cultura, como o batuque, o tambor de crioula e o bumba meu boi, que possuem batidas marcantes e forte herança africana, assim como o reggae. Dessa forma, quando o reggae começou a chegar ao estado, ele não soava estranho para os maranhenses, pois sua cadência e percussão lembravam os ritmos que já eram populares na região. Isso facilitou a adoção natural do reggae como um estilo de lazer e identidade cultural.

A consolidação do reggae no Maranhão pode ser percebida através da criação de bares e espaços amplos e "Radiolas", que são sistemas de som potentes e customizados para tocar reggae de maneira impactante. Esses espaços se tornaram templos para os amantes do gênero, permitindo a interação entre DJs, dançarinos e fãs. Esse fenômeno fez com que São Luís fosse reconhecida como a "Jamaica Brasileira".

Imagem 01: Mesa de som da radiola ludovicense Lion System em evento festivo na cidade de Codó.



Fonte: Carolynne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 02: Parte da radiola ludovicense Lion System em evento festivo na cidade de Codó



Fonte: Carolynne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024

Desde a chegada do reggae ao estado, na década de 1970-80, a música ganhou uma identidade própria, sendo não apenas ouvida, mas também sentida e vivida de uma maneira peculiar. Uma das características mais marcantes dessa apropriação cultural é a forma única de se dançar o reggae no Maranhão. Diferente do estilo jamaicano, onde a dança costuma ser mais individual e enérgica, no Maranhão o reggae se transformou em uma dança envolvente e executada a dois, criando uma conexão entre os dançarinos. Esse estilo, conhecido como "dança coladinha" ou "reggae agarradinho", tornou-se verdadeiro símbolo cultural do estado, marcando presença nos famosos bailes de reggae.

Em aproximações com o conceito de hibridização cultural de Canclini (1995), podemos argumentar que, o que ocorre com o reggae no Maranhão é reflexo dos elementos estruturantes da cultura nas sociedades contemporâneas porque reflete processos de interação, fusão e ressignificação entre culturas diversas. O conceito de hibridização cultural rompe com a visão tradicional de culturas estáticas e enfatiza que, na globalização, há um constante cruzamento entre o tradicional e o moderno, o local e o global.

A hibridização ocorre em vários âmbitos, como na arte, na linguagem e na religião, tornando-se essencial para entender as identidades culturais na atualidade. Para Canclini (1995), e também para nós, esse fenômeno não significa simplesmente a coexistência de elementos distintos, mas sim a criação de novas formas culturais a partir dessas interações.

Portanto, a hibridização cultural é um processo dinâmico que estrutura as sociedades contemporâneas ao permitir que diferentes grupos sociais reinterpretem e ressignifiquem sua cultura, promovendo novas formas de pertencimento e identidade. Como ilustra a figura abaixo, onde os regueiros dançam agarradinho.

Imagem 03: Divas do Roots dançando agarradinho na Universidade Federal do Maranhão



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

O reggae maranhense mescla influências do reggae jamaicano raiz (roots reggae), com adaptações rítmicas e sonoras locais. Muitas músicas jamaicanas quando chegavam ao estado recebiam novos nomes populares, geralmente inspirados em elementos do cotidiano da população, passavam por regravações e traduções para o português, tornando-se mais acessíveis ao público local, como no caso da música intitulada “White Witch” da cantora americana Andrea True, que ao chegar ao Maranhão é remixada e reintitulada de “Melô de Caranguejo” devido a similaridade fonética entre a letra da música que diz “white witch gonna get ya”, que quando falada rapidamente passou a ser entendida sonoramente como “caranguejo” (Souza, 2016). O nome "Melô de Caranguejo" conecta a música à cultura praieira e à vida ribeirinha do Maranhão, criando uma identidade própria para a faixa.

Os DJs e donos de radiolas costumavam dar novos nomes às músicas, para facilitar a identificação pelo público. Como muitos sucessos do reggae jamaicano eram cantados em

inglês, nem sempre os ouvintes sabiam o nome original, então os apelidos ajudavam a fixar as canções na cultura local. Esse fenômeno não aconteceu somente com “white Witch”, outras músicas jamaicanas também receberam novos nomes no Maranhão, como Johnny B. Goode, que virou “Melô do Sabão” (Acredita-se que o apelido “Melô do Sabão” tenha surgido porque a pronúncia do refrão da música “Go, Johnny, Go!” soava, para os ouvintes, como algo semelhante a “sabão”) (Souza, 2016).

O reggae tem uma forte influência na identidade cultural do Maranhão e está presente no cotidiano da população, especialmente nas periferias. Mais do que um simples ritmo musical, ele funciona como gesto de pertencimento e resistência de muitas comunidades. As letras das músicas, frequentemente, falam sobre amor, espiritualidade, injustiça social e valorização da cultura negra, conectando-se diretamente com a realidade de grande parte da população maranhense.

Além disso, o reggae é um importante elemento da identidade dos regueiros, como são chamados os amantes desse gênero musical. Muitos se reconhecem nesse estilo de vida, adotando vestimentas características, penteados com dreads e um forte senso de coletividade.

No campo político, o reggae se tornou ferramenta de mobilização social, denunciando questões como racismo, desigualdade e resistência cultural. Figuras políticas passaram a reconhecer sua importância e, em alguns casos, tentaram se aproximar do movimento para obter apoio popular. Além disso, políticas públicas voltadas para a preservação e valorização do reggae começaram a ser implementadas, como a criação do Museu do Reggae¹¹, um dos primeiros fora da Jamaica.

Sendo um ritmo historicamente ligado à resistência e à luta por direitos, ele foi utilizado como ferramenta de mobilização social e conscientização. Nos anos 1980 e 1990, por exemplo, muitos líderes comunitários e ativistas usavam as letras do reggae para alertar sobre os problemas da desigualdade social, do racismo e outras questões sociais urgentes.

As mobilizações em torno do reggae revelam ao mesmo tempo necessidade de o negro buscar seus iguais: uma forma de união e solidariedade, ainda que seja pelo fator cor, diante da discriminação que enfrenta na sociedade (Silva, p. 113, 1995).

¹¹ O Museu do Reggae Maranhão é o primeiro museu temático de reggae fora da Jamaica e o segundo do mundo, localizado no Centro Histórico de São Luís. IN: <https://www.ma.gov.br/noticias/museu-do-reggae-e-guardiao-da-memoria-e-cultura-da-capital-nacional-do-reggae>. Acessado em: 26/08/25.

Desde sua chegada ao estado, esse gênero musical foi adotado majoritariamente por pessoas negras das periferias, que encontraram no reggae não apenas uma forma de lazer, mas também elo de pertencimento, união e fortalecimento cultural.

As radiolas de reggae, os bailes e os eventos dedicados ao gênero funcionam como lugares onde a comunidade negra pode se reunir, se reconhecer e celebrar suas raízes afrodescendentes. O reggae no Maranhão também contribui para a valorização da estética negra, do orgulho racial e da construção de uma identidade coletiva. Esse sentimento de solidariedade e união é essencial diante da discriminação e desigualdade social que muitos enfrentam.

A característica do reggae como ferramenta de mobilização social e política no estado, pode ser percebida nas letras das músicas que abordam temas como racismo, desigualdade e justiça social. O movimento regueiro maranhense tem influenciado iniciativas culturais e políticas voltadas para a valorização da cultura negra. O reconhecimento do reggae como Patrimônio Cultural Imaterial do Maranhão ¹²reflete essa importância e reforça seu papel como elemento de resistência da população negra no estado. A necessidade de "buscar seus iguais" mencionada por Silva (1995) se manifesta fortemente no reggae maranhense, que vai além da música e se torna um movimento de identidade, luta e afirmação da negritude.

Segundo Laraia (2001), a cultura não é inata, mas sim um fenômeno aprendido, transmitido e ressignificado ao longo das gerações, influenciando comportamentos, valores e percepções de mundo. Dessa forma compreendemos que o reggae incorporado pelos maranhenses passa a ser uma construção social e configura como elemento que molda as identidades dos indivíduos e grupos no estado. Em sentido complementar, a identidade, como discutida por Hall (2006), não deve ser entendida como algo fixo e essencial, mas como um processo dinâmico e contínuo, resultante das interações entre o sujeito e o contexto social e cultural em que está inserido.

¹² Em 11 de maio de 2021, data que marca o Dia Nacional do Reggae, o Museu do Reggae do Maranhão, dirigido por Ademar Danilo, apresentou ao governo do estado uma proposta formal para que o estilo de dançar reggae à dois, popularmente conhecido como “agarradinho”, fosse tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do Maranhão. Essa proposta foi encaminhada ao Secretário de Cultura (Secma) Anderson Lindoso e ao governador Flávio Dino. O reconhecimento jurídico/formal ainda estava em tramitação, mas essa data de 11 de maio de 2021 marca o momento em que o processo foi iniciado oficialmente.

No Maranhão, a relação entre cultura e identidade pode ser observada na forte presença do reggae, que foi apropriado e ressignificado pelas populações locais. O reggae maranhense tornou-se mais do que um estilo musical, consolidou-se como elemento central da identidade cultural do estado, influenciando práticas sociais, modos de vestir, danças e até narrativas de pertencimento.

Dessa forma, o reggae no Maranhão se firmou como fenômeno único no Brasil, com trajetória de chegada, assimilação e consolidação marcada por peculiaridades que o diferenciam da matriz jamaicana, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade cultural maranhense.

1.2 A migração do reggae para o interior do Maranhão

A migração do reggae para outras cidades do estado do Maranhão ocorreu de forma gradativa ao longo das décadas de 1970 e 1980, impulsionada por fatores como a popularização das radiolas, o deslocamento de trabalhadores, a influência das rádios locais e o fortalecimento da identidade cultural maranhense. As radiolas de reggae foram fundamentais para difundir o reggae para além de São Luís. Com o crescimento do movimento regueiro na capital, donos de radiolas e DJs começaram a levar seus equipamentos para outras cidades, promovendo bailes e festas que atraíam público cada vez maior. Cidades do interior passaram a realizar seus próprios eventos, criando novos espaços para o reggae fora da capital.

Os bailes de reggae nas periferias de Codó, por exemplo (cidade foco do desenvolvimento da pesquisa) são muito mais do que simples eventos musicais, eles representam a expressão da identidade cultural local, reunindo comunidades em torno do ritmo cadenciado das radiolas. Esses encontros são um espaço de lazer acessível à população de baixa renda, e de forte significado social, funcionando como meio de resistência e pertencimento para muitos codoenses.

A popularização dos bailes de reggae em Codó remonta à influência da tradição maranhense das radiolas. Nos anos 1980 e 1990, o reggae se consolidou como um dos gêneros musicais mais apreciados na cidade, impulsionado por figuras locais que trouxeram seleções musicais marcantes e ajudaram a expandir o movimento. Com o tempo, os bailes se tornaram uma das principais formas de socialização e expressão cultural nas periferias de Codó.

O reggae tem um histórico de valorização da identidade negra e periférica, e os bailes em Codó não são diferentes. Eles funcionam como espaços de acolhimento para uma população muitas vezes marginalizada, proporcionando um ambiente de livre expressão. No entanto, essa cultura também enfrenta preconceito e estigmatizações, o que compromete sua realização e aceitação entre alguns setores da cidade.

Apesar de sua popularidade, os bailes de reggae em Codó enfrentam desafios como a falta de apoio do poder público, dificuldades para conseguir espaços adequados e a repressão por parte das autoridades policiais, que associam essa prática cultural à criminalidade. O fortalecimento dessa tradição na cidade demanda a valorização dos bailes como parte de seu patrimônio cultural.

Com a evolução tecnológica e o impacto das redes sociais, os bailes de reggae estão se transformando. A divulgação online tem ajudado a desconstruir preconceitos com relação a cena regueira, apresentando-a como evento cultural que agrega pessoas que se identificam pela teia de solidariedade e de pertencimento à cultura do reggae. Isso tem ampliado os contatos com os elementos do reggae e atraído interesse de diferentes gerações.

Em síntese, os bailes de reggae nas periferias de Codó são mais do que eventos musicais, são espaços de expressão da identidade cultural. Mesmo diante dos desafios com a criminalização, continuam a ser parte essencial da vida e do lazer da população local, mantendo viva a tradição do reggae e reafirmando seu papel na história cultural da região.

1.2.1 As pedras rolam em Codó

Este tópico explora como o reggae se enraizou em Codó, construindo pontes entre passado e presente e consolidando-se como forma expressiva da identidade local. O reggae enfrentou desafios significativos em sua consolidação como expressão cultural legítima na cidade, apesar de seu rico vínculo com as raízes africanas e com a ancestralidade dos quilombos locais, o gênero foi, por muitos anos, alvo de preconceitos e estigmatização.

Desde meados dos anos 1980, o reggae tem ecoado com força em Codó, cidade maranhense marcada por profundas raízes culturais e religiosas originadas pela diáspora africana. A presença do reggae transcende o simples entretenimento, é uma manifestação

cultural que dialoga diretamente com as memórias históricas da diáspora africana, evocando os ritmos, resistências e espiritualidades que sustentaram os quilombos ao longo dos séculos.

A conexão entre o gênero musical e a história da cidade é, portanto, inegável. Assim como os quilombos simbolizam resistência e identidade, o reggae, com suas temáticas de luta, liberdade e ancestralidade, encontra em Codó território fértil para reverberar. Nesta cidade, as "pedras" (termo popular associado aos discos de reggae) carregam mais do que músicas, remontam histórias, reivindicações e celebrações que reafirmam a importância das heranças africanas em contexto de luta e ressignificação cultural. Mesmo nas zonas rurais, nas comunidades povoadas da cidade, os paredões de reggae são tipicamente encontrados nos festejos de santos, religiosos e nas manifestações culturais dos povoados e comunidades.

Associado a estereótipos de marginalidade, o reggae foi frequentemente criminalizado por setores conservadores da sociedade codoense, que o viam como uma ameaça à ordem moral ou como uma expressão de rebeldia juvenil. Essa visão reducionista ignorava o profundo caráter cultural, político e espiritual do gênero, que, em sua essência, reflete a luta pela justiça social, a resistência histórica e a celebração da identidade dos afrodescendentes.

Em entrevista concedida a esta pesquisadora, Silveira (que perdeu a mãe vítima de aneurisma em 2019) relembra histórias que a mãe lhe contava sobre o reggae:

[...] ia ter um reggae no quintal de um amigo dela que morava na rua Bahia, lá a polícia apareceu e quando ela chegou, mãe foi correr pra não ser enquadrada porque se ela já tinha saído escondida (de casa para a festa), ser detida nesse caso não era uma opção, se Raimundo (o avô) soubesse disso ele até matava ela, aí na hora que ela viu gente correndo ela correu também e se enroscou numa cerca de arame farpado da cerca e na hora de atravessar para ir embora pelos fundos e a perna rasgou, [...] mesmo assim né, ela continuou correndo, chegou em casa e quando pulou pra dentro de casa [...] a irmã dela tava acordada se assustou e na hora gritou pra chamar o pai dela, o “diabo” veio e bateu na minha mãe e ainda deixou ela pelo lado de fora pra dormir na rua e de lá ela disse que só escutava ele gritando com a vó, que a filha dela não valia nada e que uma hora ou outra ia engravidar dos ‘marginalzinho’ (Silveira, 2023).

Em outro momento a entrevistada relata:

[...] a mãe tava esperando ele pra entregar o dinheiro e receber a parte dela, aí a polícia colou lá e a mãe disse que elas já desceram da viatura gritando e batendo. Nelas eles não bateram, mas puxaram os cabelos e apagaram o cigarro no rosto de tia Ch*****, liberam elas, mas “guardaram” o DJ (Silveira, 2023).

Podemos perceber algumas situações. Os relatos correspondem à década de 1990 ainda no começo da consolidação do reggae na cidade, logo tanto os civis, como no caso do avô da narradora, quanto a instituição policial ainda enxergavam o reggae enquanto uma atividade

marginal e repreendiam aqueles que o praticavam não somente com palavras ofensivas, mas também com violência física. Nesse caso a mãe de Silveira (2023) conhecida como Nelore¹³, sofreu agressões de ambas as partes. Em princípio por desobedecer a seu pai, mas também as normas de comportamentos estabelecidas à época (as que faziam referência a maneira de se portar e quais lugares, horários e na companhia de quem as moças deveriam estar) e posteriormente violência por parte do Estado como instituição de poder que autoriza bater e prender pessoas consideradas criminosas.

A fala de Silveira (2023) revela não apenas um episódio isolado de violência policial, mas insere-se em um quadro mais amplo de violência de gênero e racismo institucional. O relato da abordagem policial em que as mulheres são imediatamente alvo de agressões físicas e psicológicas, como puxões de cabelo e o ato extremo de apagar um cigarro no rosto expõe a brutalidade a que corpos femininos, negros e periféricos são submetidos. Embora, segundo a entrevistada, "nelas eles não bateram", a violência simbólica e física ocorreu de forma diferenciada, reforçando que as mulheres negras não estão apenas sob o risco da violência policial, mas também da misógina que marca suas experiências de maneira interseccional.

Além disso, o fato de o evento ser frequentado majoritariamente por pessoas pretas e pobres contribui para que ele seja imediatamente enquadrado como potencialmente criminoso. Isso reflete uma lógica racista de controle e criminalização das manifestações culturais negras, nas quais o lazer, a festa e o território são constantemente vigiados e reprimidos pelo Estado, como se a presença negra em espaços de celebração fosse, por si só, um indício de ilegalidade. Na linguagem coloquial o “DJ guardado”, enquanto as mulheres são liberadas, pode indicar um tipo de seletividade dentro da própria abordagem, mas também reforça o estigma que recai sobre os homens negros como alvos preferenciais do sistema penal.

Esse episódio, precisa ser interpretado como parte de um processo contínuo de criminalização do corpo negro e do prazer negro, onde o racismo e o sexismo operam de forma entrelaçada, reforçando desigualdades históricas e violências cotidianas.

A consolidação do reggae em Codó, portanto, foi marcada por jornada de luta e resistência. Os espaços culturais que acolheram o gênero, como clubes e festas comunitárias, desempenharam papel crucial na construção da cena musical que desafiou preconceitos e

¹³ A mesma passou a ser chamada assim pelos amigos depois do fatídico acidente com o arame farpado na festa de reggae que a marcou com uma cicatriz muito visível. Nelore é uma marca de arame muito conhecida

afirmou o reggae como parte do patrimônio cultural da cidade, da mesma forma que foram estigmatizados como espaços da criminalidade pelo poder da polícia.

Dentre os muitos clubes e bares onde o reggae em Codó se fez presente, destacamos o Bar Apollos Clube, localizado no bairro Codó Novo. Este bar foi gerenciado por uma mulher chamada dona Vitória. Isto ocorreu até o seu falecimento, quando o clube passou a ser administrado pelo filho. Quem narra a história do estabelecimento é uma ex-funcionária do local, conhecida como dona do Carmo.

[...] de primeira as únicas festas que tinham eram de reza. Eu, Vitória, e dona Dudu, cortamos as bandeiras, enfeitamos, secava a puba do bolo lá atrás no solo quente, todo ano sem falta era lá, Vitória emprestava o salão pra fazer a reza pagando promessa, a finada que começou a negociar com Valdemiro as cachaça, falava com os homens que tocava nas radiolas, ela que fazia tudo acontecer [...] só aceitavam fazer negócio se tivesse um homem pra dar confiança, mas não tinha porque ela fazia tudo sozinha, ia atrás dos empresário, as reunião era na sala dela, ela fazia comida, e na calminha levava eles na conversa, [...] A reunião era na sala mesmo, conversa vai conversa vem e ela conseguia. E assim foi e foi, montou tudo certinho, pagava todo mundo no tempo certo (Carmo, 2023).

O clube em questão esteve em atividade do final de 1999 até 2009, quando encerrou suas atividades. Durante esse período, tornou-se um espaço muito frequentado pela juventude de todos os bairros da cidade. A entrevistada relembra com carinho que seus filhos eram frequentadores assíduos e que apreciavam bastante o ambiente. Em algumas ocasiões, o clube ficava tão cheio que era necessário abrir as portas e posicionar uma parte da radiola contratada para o baile do lado de fora, permitindo que aqueles que não conseguiram entrar também pudessem aproveitar o reggae.

Essa consolidação foi marcada pela criação de espaços que serviram como centros de celebração, resistência e socialização para os jovens da cidade. Desde os anos 1980, festas de reggae foram organizadas em quintais, clubes, bares e salões comunitários, locais que se tornaram fundamentais para a propagação do gênero. Esses espaços funcionavam não apenas como pontos de lazer, mas também como ambientes onde a juventude podia se conectar com suas raízes e reforçar sua identidade coletiva.

Muitos desses eventos eram organizados de maneira informal, com sistemas de som conhecidos como “radiolas,” que se tornaram marca distintiva do reggae. As radiolas, com suas batidas profundas e vibrações envolventes, criavam um ambiente único, onde a música servia como canal de expressão para temas como liberdade, resistência e espiritualidade.

Os jovens que frequentavam essas festas eram em sua maioria de bairros periféricos, muitos deles descendentes de famílias de trabalhadores assalariados, e que tomavam o reggae como espaço de pertencimento, como se expressa na fala de Alexandra, cuja mãe trabalhava tanto fora quanto dentro das festas de reggae. Para esses jovens, o reggae era mais do que música, era um movimento que coadunava para suas realidades e aspirações, oportunizando descompressão das dificuldades cotidianas que enfrentavam, era maneira de reivindicar o orgulho por suas origens afrodescendentes.

Além disso, as festas de reggae em Codó criaram uma cultura com códigos próprios. Estilos de dança, cabelo, roupas inspiradas na estética rastafári e a valorização de mensagens políticas fizeram com que esses encontros se tornassem espaços de afirmação cultural e social para a juventude local.

Esses espaços, muitas vezes enfrentando preconceito e resistência de setores mais conservadores da sociedade, permaneceram como pontos de resistência simbólica, onde o reggae não apenas se manteve vivo, mas floresceu como uma expressão cultural que ainda hoje ecoa em Codó.

Apesar da forte presença do reggae em Codó e de sua importância cultural e econômica, o gênero ainda sofre com a falta de investimentos adequados e o descaso por parte do poder público. A ausência de políticas públicas voltadas para o fomento do reggae bem como a precarização dos eventos culturais, resultam em dificuldades para a realização de festivais e encontros de grande porte.

Muitos organizadores dessa manifestação cultural enfrentam obstáculos como a falta de patrocínio, a burocracia para obtenção de licenças para realização dos bailes e a ausência de infraestrutura apropriada para a realização dos eventos. A marginalização do reggae em algumas esferas governamentais inviabiliza o reconhecimento dessa expressão cultural como patrimônio cultural.

Além disso, a escassez de incentivos financeiros faz com que artistas e produtores locais tenham dificuldades para expandir suas atividades, limitando a profissionalização do setor. Muitos músicos e DJs precisam buscar apoio em redes independentes e iniciativas comunitárias para manter a cena ativa, evidenciando a necessidade de maior reconhecimento e suporte institucional financeiro.

No entanto, apesar dessas dificuldades, o cenário regueiro resiste e continua vivo, graças ao apoio dos próprios membros do movimento e de demais colaboradores. Comunidades e coletivos culturais se organizam para a realização de eventos festivos e beneficentes, promovendo encontros que não apenas celebram a música, mas também contribuem para causas sociais e comunitárias. Essa autogestão e solidariedade entre os envolvidos demonstram a força do reggae em Codó, garantindo que essa manifestação cultural continue a desempenhar um papel essencial na identidade local.

Imagem 04: Show do cantor jamaicano Sly Fox, clube espaço fama, bairro São Pedro.



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 05: Festa Amantes do Roots



Fonte: Reprodução de mídia do coletivo Mulheres Roots, 2024.

Diante desse contexto, as festividades de reggae na cidade continuam sendo realizadas majoritariamente por meio de iniciativas autônomas. Todos os custos relacionados à organização dos eventos (os demonstrados acima e demais) são assumidos pelos próprios membros do movimento reggae, contando com o apoio de comerciantes locais e colaboradores da comunidade. Essas iniciativas demonstram a resiliência e o comprometimento da população, mesmo diante das dificuldades estruturais devido à falta de incentivos governamentais. O engajamento coletivo reforça o reggae como cultura de resistência, lazer e identidade cultural, garantindo sua continuidade e relevância na sociedade codoense.

Imagem 06: Coletivo Divas do Roots dançando na feira de artesanato de Codó



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 07: Coletivo Divas do Roots



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

O reggae em Codó se estabelece como forma de resistência, lazer e afirmação identitária, cuja continuidade e relevância são fortalecidas pelo engajamento coletivo. Nesse contexto, os coletivos desempenham um papel fundamental na difusão e valorização desse movimento, promovendo sua visibilidade por meio da participação em eventos acadêmicos e espaços públicos. A presença do reggae em feiras de artesanato, organizadas pela própria

comunidade, bem como em programações culturais em universidades e praças, evidencia a sua inserção na dinâmica sociocultural local. Essas iniciativas não apenas consolidam o reggae como patrimônio imaterial, mas também reafirmam seu papel na construção de uma identidade coletiva, garantindo a transmissão e a ressignificação de seus valores ao longo do tempo.

CAPÍTULO 2: CADÊ O REGGAE DO TEU BAIRRO?

O segundo capítulo destina-se a enumerar e nomear os bairros pelos quais o reggae se faz presente apresentando como e de que forma este transforma o ambiente e os praticantes. O capítulo é subdividido em subtópicos, onde apresentamos os dados coletados em pesquisas que revelam o perfil socioeconômico do público consumidor. A aplicação da pesquisa orientou-se por recortes de gênero, raça e classe.

2.1 Reggae e Espaço Urbano: Perfil Socioeconômico e Mapeamento dos estabelecimentos

A caracterização do perfil socioeconômico dos indivíduos participantes da pesquisa foi essencial para compreender o contexto em que estão inseridos apontando variáveis que influenciaram as interpretações do estudo. Esse perfil construído com base na contabilização de 110 formulários fornece informações sobre aspectos como renda, nível de escolaridade, ocupação, composição familiar e acesso a recursos, permitindo uma análise mais aprofundada das relações entre os fatores sociais, econômicos e as questões investigadas.

Raça, gênero, sexo, geração, classe, região são, assim, categorias classificatórias compreendidas como construções particulares (e referidas a determinados contextos específicos), locais, internacionais, histórias e culturais. Elas fazem parte das representações sociais das nossas mitologias, mas também possuem grande impacto no mundo real, uma vez que permitem a produção de identidades coletivas e também de hierarquias, bem como toda sorte de discriminações sociais (Schwarcz p 2019, P.8).

Zamboni (2014, p.15) diz que: “Os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política”. Nesse sentido, as categorias como raça, gênero, classe, sexualidade, idade, deficiência, entre outras não atuam separadamente na vida das pessoas. Elas se combinam e se influenciam mutuamente, formando uma rede complexa de experiências sociais.

Além disso, a análise socioeconômica possibilita a identificação de desigualdades e vulnerabilidades que podem impactar os fenômenos estudados, contribuindo para a formulação de intervenções mais direcionadas e efetivas. Ao incluir o perfil socioeconômico, a pesquisa ganhou robustez, pois oferece um panorama mais abrangente das condições de vida e

comportamentos dos participantes, garantindo maior validade e relevância aos resultados obtidos.

Os resultados aqui apresentados foram produzidos através da imersão da pesquisadora nos bairros nos quais foram identificados estabelecimentos ou espaços no qual o reggae se desenvolve, o foco principal consistiu em priorizar o olhar sobre a dimensão do gênero, ou seja, como as mulheres transformam socialmente estes espaços, bem como detectar quais os sujeitos e coletivos de reggae frequentam esses espaços.

Após o período inicial de aproximação com o público-alvo, a partir de junho de 2023 foi disponibilizado formulário virtual (apêndice A) por meio de diversas plataformas, incluindo redes sociais e aplicativos de mensagens, como o WhatsApp. O objetivo era ampliar o escopo da pesquisa, chegando a alcançar o número de 110 indivíduos frequentadores dos eventos ou que consomem o gênero reggae de outras formas.

A coleta de dados de forma virtual permitiu maior abrangência e participação, assegurando que diferentes segmentos da população tivessem a oportunidade de contribuir para o estudo. Esse método também se mostrou eficiente para capturar respostas consistentes para a análise das dinâmicas culturais, sociais e econômicas que envolvem o público consumidor de reggae.

Entre as informações solicitadas estavam: renda mensal, identificação étnico-racial, ocupação profissional, faixa etária e identidade de gênero. Essa abordagem visava compreender as características do público envolvido e investigar possíveis correlações entre essas variáveis e o consumo de reggae.

Durante os meses de coleta de dados, realizados entre abril e julho de 2024, foi possível mapear os bairros e estabelecimentos associados à cena reggae. Nesse processo, foram identificados tanto estabelecimentos em funcionamento quanto outros que, embora atualmente fechados, possuem relevância histórica significativa para o cenário regueiro codoense. Para chegar até esses locais ouvi indicações de pessoas ligadas a cena do reggae na cidade e pesquisas virtuais sobre outros estabelecimentos que contribuíram para a construção e consolidação desse cenário cultural.

A inclusão desses estabelecimentos fechados na pesquisa justifica-se por sua influência e contribuição no envolvimento e consolidação da cultura reggae na região. Mesmo não estando mais em atividade, esses espaços continuam a ser referências simbólicas e afetivas para os frequentadores e consumidores do gênero.

Dessa forma, os resultados refletem não apenas a realidade contemporânea do reggae nos estabelecimentos em operação, mas também resgatam a memória e a história de locais que desempenharam papel fundamental no fortalecimento dessa expressão cultural. Essa abordagem suscita análises mais abrangentes e contextualizada do impacto do reggae nos espaços pesquisados. Assim obtivemos os seguintes resultados:

QUADRO 1: LISTA DE ESTABELECIMENTOS MAPEADOS NA CIDADE DE CODÓ

ESTABELECIMENTOS REGUEIROS		
NOME	LOCAL	SITUAÇÃO
“Voz Santa Helena” (Radio comunitaria)	Tenda Santa Helena, R. São Miguel, 1850 - Bairro Codó Novo	Em atividade
Salão São Raimundo	Tv. do Sol, 1120 - Bairro Codó Novo	Em atividade
Xamegão	Travessa da Cibrazem - Bairro Codó Novo	Fechado, lote abandonado
Apollos bar club	Travessa da Cibrazem - Bairro Codó Novo	Fechado
Bar do Rena	R. Padre Cícero, 1695A- Bairro Codó Novo	Em atividade
Zk espaço Roots	A, Av. João Ribeiro, 3217, Bairro São Sebastião	Fechado
Toca do cachorro	R. C. Borborema -Bairro Centro	Em atividade

Ninho do urubu	R. C. Borborema, 35 - Bairro, Centro	Em atividade
Casa de folclore Izabel Cafeteira	R. Fernando Carvalho, Codó -Bairro, Centro	Em atividade
Bar do Xandão e família roots	Rua Ana Alice -Bairro Santo Antônio	Em atividade
Boteco dos Brothers	Rua São Francisco-Bairro São Francisco	Em atividade
Clube espaço fama	Av., Marechal Castelo branco - Bairro São Pedro	Em atividade
Clube Ray César	R. do Puraque - Bairro Codó Novo	Fechado
Bar do Elizeu	Travessa Agenor Monturil	Em atividade
Espaço cultural	Av. Augusto Teixeira	Em atividade
Centro de Cultura	Av. Augusto Teixeira- Bairro Centro	Em atividade
Barone Recordações	Rua Honorino Silva-Bairro São Francisco	Fechado
Viel Roots	Travessa do sol - Bairro Codó Novo	Fechado

Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Dos 18 estabelecimentos mapeados, 5 estão localizados na região central da cidade, todos em atividade, enquanto 13 se encontram em bairros periféricos, dos quais 6 permanecem ativos e 7 estão fechados. Observa-se, portanto, uma maior concentração de bares regueiros na periferia, embora com um número significativo de espaços desativados. Mesmo o centro da

cidade tradicionalmente caracterizado como a área mais desenvolvida devido à sua vocação comercial, apresenta, neste contexto específico, uma realidade distinta.

Embora exista uma concentração de estabelecimentos comerciais, o centro é marcado por processos de marginalização, associados a dinâmicas sociais complexas. Percebe-se a presença de áreas de elevado consumo de substâncias ilícitas, além de um espaço informalmente denominado "troca-troca", onde ocorrem práticas como a troca e comercialização de objetos furtados. Essa configuração evidencia desafios relacionados à segurança pública e à organização social da área central, onde também ocorrem eventos de reggae. Neste cenário a prática do reggae se torna criminalizada pela associação a estas atividades ilícitas.

A ausência de políticas públicas e assistência adequada revela uma dinâmica de exclusão que atinge, de forma desproporcional, populações historicamente vulnerabilizadas, como as pessoas negras, que são frequentemente associadas a essas áreas. Essa relação entre marginalização, raça e espaço urbano aponta para a perpetuação de desigualdades estruturais históricas, reforçando estigmas e negligências institucionais que impactam a qualidade de vida e as oportunidades de mudanças desses grupos no centro da cidade.

Mesmo nesse contexto de exclusão e marginalização, os frequentadores dos bailes de reggae, tanto nesta como em outras áreas periféricas, são, em sua maioria, pessoas que já possuem um vínculo histórico com esses espaços. Esse público, geralmente familiarizado com as dinâmicas e características dessas regiões, cria uma relação de pertencimento que preserva a cultura local. No entanto, a associação do reggae com atividades ilícitas que ocorrem no centro da cidade, interfere na ampliação e diversificação do público, resultantes do estigma associado às áreas marginalizadas e da ausência de políticas culturais inclusivas que promovam maior acesso e integração dentro de ambientes seguros.

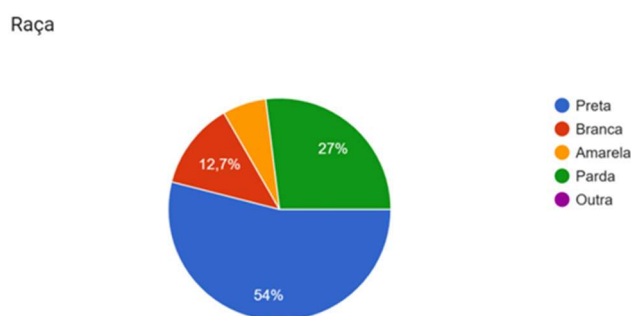
Assim sendo, a pesquisa possibilitou identificar quem são essas pessoas que frequentam os bailes de reggae nessas áreas marginalizadas. Para tanto, parte do formulário socioeconômico apontou aspectos como faixa etária, gênero, raça, escolaridade, ocupação, local de residência, bem como as motivações e significados atribuídos à participação nesses eventos culturais.

Além disso, o questionário incluiu perguntas que investigam a percepção dos consumidores sobre o cenário reggae, bem como suas experiências pessoais e sociais relacionadas a esse contexto. Os participantes foram questionados sobre como avaliam o estado atual do movimento reggae, os desafios enfrentados por essa manifestação cultural e as oportunidades de crescimento ou reconhecimento que enxergam para o gênero.

Essas questões ampliam a compreensão não apenas do perfil dos frequentadores, mas também das dinâmicas sociais e culturais que envolvem o reggae, evidenciando tanto sua força como movimento de resistência, quanto os obstáculos que enfrenta no imaginário coletivo do cotidiano das áreas marginalizadas. Esses dados permitirão uma análise mais aprofundada das relações entre identidade, território e práticas culturais, contribuindo para a compreensão das dinâmicas sociais que caracterizam esses espaços.

Pelo caráter pessoal de algumas perguntas, a obrigatoriedade de respondê-las foi dispensada para evitar qualquer desconforto entre os participantes. Essa abordagem buscou respeitar a privacidade dos respondentes, garantindo um ambiente de pesquisa ético e acolhedor. Contudo, a coleta de dados revelou informações significativas sobre o perfil dos frequentadores dos bailes de reggae. Essa metodologia permite que os participantes contribuam de forma voluntária, assegurando maior autenticidade às informações coletadas.

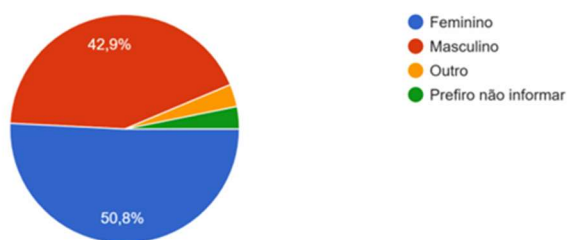
Gráfico 01- Identificação racial



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Gráfico 02- Identificação de gênero

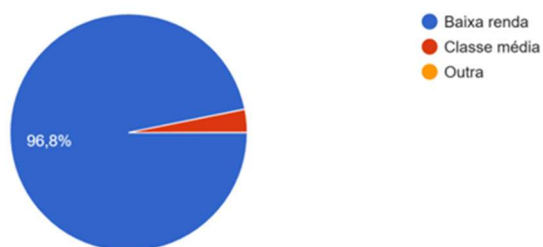
Gênero



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Gráfico 03 - Situação econômica

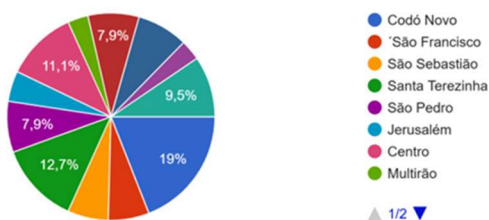
Situação econômica



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

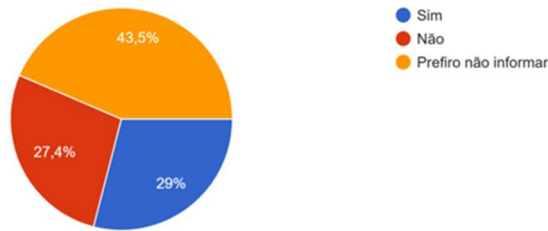
Gráfico 04: Local de residência dos consumidores de reggae

Bairro



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Gráfico 05: Índice de violência sofrido



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Os dados revelam que os frequentadores dos bailes de reggae em áreas marginalizadas possuem um perfil diverso, mas compartilham características marcantes que refletem o contexto socioeconômico e cultural desses territórios. A maioria dos participantes (50,8%) se identificam com o gênero feminino, sendo pessoas negras (54%) e pardas (27%) de baixa renda (96,8%), reforçando a forte relação entre raça e espaços culturais marginalizados.

Em termos de faixa etária, prevalecem adultos jovens, com idades entre 18 e 45 anos, sendo a maioria residente nas áreas periféricas onde os eventos ocorrem, dentre eles o bairro Codó Novo (periferia) se destaca.

Muitos relataram enxergar os bailes de reggae não apenas como momentos de lazer, mas também como espaços de resistência cultural, pertencimento e socialização, essenciais para fortalecer a identidade coletiva em meio à exclusão social. Esses resultados destacam a importância dos bailes de reggae como expressões culturais que transcendem o entretenimento, reafirmando seu papel social como celebração comunitária e valorização identitária.

Para preservar o sigilo e a privacidade das pessoas que participaram desta pesquisa, os(as) respondentes do formulário virtual serão identificados(as) por meio de codinomes numéricos, como participante 01, participante 02, participante 03, e assim sucessivamente. Essa escolha visa garantir o anonimato dos(as) participantes, em conformidade com os princípios éticos que regem as pesquisas envolvendo seres humanos.

Frente a pergunta do formulário, Qual a sua visão quanto a importância do reggae para a cultura negra? Alguns disseram:

O reggae é de grande importância para a cultura negra, sendo uma forma de expressão e resistência frente à opressão e à luta por direitos e justiça social, além de ser um instrumento de união e conexão entre as pessoas negras em todo o mundo. (participante 19, 2023).

Importante movimento pra gente que é negro se encontrar, arranjar força, valorizar nossa história nossos traços (participante 30, 2024).

tenho o reggae enquanto um pilar importante para a aceitação do seu eu, seu eu negro, pobre e periférico que merece ser aceito, glorificado e respeitado. sabendo que a vida não é fácil para pessoas negras em muitos aspectos, tanto sociais quanto pessoais, o reggae é uma das várias maneiras de se sentir bem e em coletivo (Participante 42, 2024).

Acredito que se tenha um grande estigma negativo associado ao reggae, fruto de uma visão estereotipada, preconceituosa e racista. A falta de conhecimento dessa cultura resulta nessa perspectiva preconceituosa, sobretudo em relação a populações pobres e negras (participante 43, 2024).

Os resultados do questionário revelam aspectos relevantes sobre as percepções e vivências dos frequentadores do cenário reggae em áreas marginalizadas. A maioria dos participantes reconhece o reggae como uma manifestação cultural rica, que promove pertencimento e resistência em meio a contextos de exclusão social. No entanto, apontaram desafios significativos, como a falta de apoio institucional, a criminalização associada aos bailes e a ausência de reconhecimento cultural mais amplo, fatores que dificultam o fortalecimento do gênero. Apesar dessas dificuldades, há otimismo entre os participantes quanto ao crescimento do movimento, especialmente se forem implementadas iniciativas de maior inclusão e apoio à comunidade regueira.

Em relação às experiências de agressões e racismo, cerca de 43,5% dos participantes relataram já ter sofrido agressões verbais em bailes ou em espaços associados ao reggae. Além disso, episódios de violência física foram mencionados por participantes, bem como o racismo, uma experiência recorrente nos relatos, seja em interações sociais, seja na forma como o reggae é percebido e tratado pela sociedade. Esses episódios reforçam o estigma que ainda circunda os espaços regueiros, especialmente nas áreas periféricas.

Por outro lado, as opiniões sobre o reggae apresentam um duplo sentido. Muitos participantes relataram que o gênero é frequentemente estigmatizado, sendo associado a comportamentos desviantes, como o uso de drogas e a marginalidade. Essa percepção contribui para a marginalização tanto do reggae quanto de seus frequentadores. Entretanto, também há relatos de uma crescente aceitação social, particularmente entre pessoas que reconhecem o reggae como uma expressão artística legítima e como um elemento essencial de resistência cultural e valorização da identidade negra. Um dos participantes da pesquisa virtual, afirma que, “[...] Muitas pessoas possuem uma visão de desprezo, relacionando as pessoas que fazem

parte do movimento como hostis, usuários de drogas e de pessoas de menos valor” (Participante 17, 2023). Outro participante relata:

Acredito que se tenha um grande estigma negativo associado ao reggae, fruto de uma visão estereotipada, preconceituosa e racista. A falta de conhecimento dessa cultura resulta nessa perspectiva preconceituosa, sobretudo em relação a populações pobres e negras (participante 16, 2023).

Goffman (1891) explica a origem do termo “estigma”, destacando que, na Grécia Antiga, ele era utilizado para identificar indivíduos com marcas corporais que simbolizavam características moralmente negativas, como escravidão, crime ou traição. Essas marcas, feitas por meio de cortes ou queimaduras, serviam para distinguir pessoas consideradas impuras e que, por isso, deveriam ser evitadas, especialmente em espaços públicos. Com o tempo, durante a Era Cristã, o termo adquiriu novos significados: um associado à graça divina e outro vinculado a distúrbios físicos no corpo, sendo incorporado ao vocabulário médico com referência à dimensão religiosa.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construímos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa (Goffman, 1891, P.8).

Quando uma pessoa é rotulada com um estigma, ela é vista como menos humana ou inferior pela sociedade. Essa desvalorização acontece de maneira tão naturalizada que muitas vezes ocorre automaticamente, sem reflexão consciente. A sociedade, ao identificar alguém como "estigmatizado", não apenas discrimina essa pessoa, mas também constrói uma justificativa para essa discriminação. Isso significa que criamos narrativas e ideologias que reforçam a ideia de que essas pessoas são diferentes, perigosas ou indignas de certas oportunidades.

Com isso, limitamos suas possibilidades de participação plena na vida social, reduzindo suas chances de acesso a direitos, reconhecimento e inclusão. Em outras palavras, o estigma não é apenas um rótulo, mas um processo social que justifica a exclusão e perpetua desigualdades.

Atualmente, "estigma" é empregado de forma mais abstrata, referindo-se à percepção social negativa que recai sobre determinadas características de um indivíduo, resultando em sua exclusão ou discriminação. Diferente da concepção original, que se restringia a marcas

físicas, hoje o estigma está relacionado a atributos considerados desviantes ou vergonhosos, como doenças, comportamentos ou traços sociais indesejados, levando à marginalização e à desvalorização da pessoa.

Em sociedades marcadas por desigualdades históricas, como a discriminação racial e étnica, certos grupos são estigmatizados e subrepresentados, o que impacta diretamente suas oportunidades e qualidade de vida. O reggae, por sua vez, surge como um movimento cultural de resistência, combinando elementos de protesto contra a opressão e mantendo uma forte conexão com a cultura africana, especialmente com a identidade negra, em resposta ao legado da escravidão e da colonização.

2.2 Os bailes de reggae pelas periferias codoenses

A conexão entre o reggae e a periferia é histórica e profunda e vem desde o seu nascimento na Jamaica. Difundido mundialmente, o gênero encontrou terreno fértil nas regiões marginalizadas, onde suas mensagens de luta, amor e igualdade encontram eco no cotidiano da população. Letras que falam sobre opressão, superação e esperança tornam-se trilha sonora para aqueles que enfrentam desafios diários e buscam transformação social.

Os bailes de reggae nas periferias de Codó são mais do que simples eventos musicais, eles representam um importante espaço de sociabilidade, resistência cultural e afirmação da identidade negra. Movidos pelo som cadenciado das radiolas, sistemas de som potentes que caracterizam a cena reggae no Maranhão, esses bailes reúnem comunidades inteiras em torno de uma atmosfera de dança, celebração e pertencimento. Além de serem uma forma de lazer acessível para a população, os eventos desempenham um papel crucial na preservação do reggae como expressão cultural local, ferramenta de transformação social, resistindo ao preconceito e reafirmando sua relevância na vida cotidiana dos codoenses.

O reggae é de grande importância para a cultura negra, é uma forma de expressão e resistência e luta por direitos e justiça social, além de ser um instrumento de união e conexão entre as pessoas negras em todo o mundo, penso que é importante porque é uma coisa que tá na nossa terra a muito tempo então para que isso ainda existir tem que tocar em um ponto importante para as pessoas. Além de fazer bem pra mente no sentido de trazer felicidade, alegria pro corpo faz bem no outro sentido de fazer bem pra você, principalmente se você passou a vida sendo colocado pra baixo, o reggae vai te botar pra cima num instante (Participante 02,2024).

Conforme mencionado anteriormente, identificamos que os frequentadores dos bailes de reggae são, em sua maioria, pessoas negras e pardas, residentes nas regiões periféricas e

pertencentes a grupos de baixa renda. Em continuidade, analisamos os locais onde esses eventos ocorrem, considerando aspectos como a distribuição geográfica, as características socioeconômicas das regiões e a relação desses espaços com a cultura reggae.

Compreender a localização dos bailes de reggae permite não apenas identificar os territórios dessa manifestação cultural, mas também analisar seu impacto na dinâmica urbana e na sociabilidade das populações envolvidas. Investigar esses espaços possibilita reconhecer como a cultura reggae se insere no cotidiano das periferias, de que maneira esses locais são apropriados pelos frequentadores e quais fatores contribuem para a sua existência e manutenção.

O processo de apropriação dos espaços onde os bailes de reggae são realizados revela uma dimensão importante da resistência cultural nas periferias urbanas. Muitos desses eventos ocorrem em clubes comunitários, praças, galpões adaptado, quintais e terrenos baldios (onde aconteciam as festas chamadas clandestinas nas décadas de 1980-90 em Codó) que, ao longo do tempo, foram ressignificados pelos frequentadores como lugares de encontro, celebração e pertencimento.

Esses espaços, muitas vezes negligenciados pelo poder público, são transformados em pontos de efervescência cultural, onde a música reggae não apenas anima os corpos, mas também fortalece os laços comunitários e reafirma identidades coletivas. No caso das áreas periféricas, não há iluminação, segurança pública e pavimentação das vias para melhor locomoção dos moradores. Locais como o Espaço Fama, Boteco dos Brothers e bar do Rena, que estão localizados em áreas negligenciadas pelo poder público, denunciam assim essa situação, o que acaba por depreciar os eventos que ocorrem nesses espaços.

A apropriação desses locais é marcada pelo profundo senso de coletividade e criatividade. A ausência de infraestrutura que deveria ser prestada pelo poder público é suprida pela organização autônoma dos participantes, que montam sistemas de som, organizam festas e zelam pelo ambiente. Essa dinâmica cria uma rede de apoio e solidariedade entre os envolvidos, reforçando o papel dos bailes de reggae como espaços seguros e inclusivos. Além disso, esses eventos tornam-se plataformas de expressão política e social, onde temas como racismo, desigualdade e resistência são debatidos e vivenciados por meio da música.

Com o tempo, os espaços onde o reggae se desenvolve tornam-se marcos culturais das comunidades, sendo reconhecidos não apenas por sua função de entretenimento, mas também como centros de produção simbólica e valorização da história afrodescendente, como no caso da casa de folclore Izabel Cafeteira. Esses locais passam a integrar a memória afetiva dos moradores, funcionando como pontos de referência para a juventude e como instrumentos de afirmação cultural frente aos processos de marginalização e exclusão social.

Imagem 08: Reggae na casa de Folclore Izabel Cafeteira



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Portanto, a territorialidade do reggae nas periferias urbanas vai além da mera ocupação física, trata-se de um processo contínuo de construção de significado, resistência e pertencimento. Os bailes de reggae, ao se enraizarem nesses espaços, contribuem significativamente para a dinâmica social das comunidades, promovendo não apenas lazer, mas também empoderamento, identidade e coesão social.

2.3 O reggae como instrumento de transformação social

Além de sua dimensão artística, o reggae é um agente de mudança. Ele mobiliza pessoas, fortalece laços comunitários e cria espaços de expressão e valorização cultural. Eventos e encontros promovidos pelo movimento reggae nas periferias geram oportunidades de trabalho, lazer e conscientização, tornando-se um meio de empoderamento social.

O reggae promove a inclusão e o respeito às diferenças, incentiva a participação ativa da juventude em causas sociais e políticas e fortalece a identidade cultural das comunidades periféricas. Além disso, por meio de projetos educacionais e oficinas musicais, o reggae estimula a criatividade e oferece novas perspectivas para crianças e jovens, afastando-os da criminalidade e da marginalização.

o meu primeiro contato com o reggae se deu na minha infância quando eu sempre escutava as músicas através do meu vizinho, ele gostava muito de reggae, eu sempre entrava em contato porque era uma cultura já dele, a família sempre gostou muito de reggae, então esse foi meu primeiro contato, através de um vizinho fui conhecendo as músicas do reggae, fui conhecendo o reggae em si. E logo em seguida o segundo contato, o contato mais forte que eu fui tendo mais conhecimento a respeito do reggae, foi quando na escola um programa chamado “Mais educação”, a professora de dança ela ensinava todos os tipos de dança e lá ela apresentou o reggae pra gente né, então isso foi algo novo pra mim e foi lá que eu pude conhecer mais ainda a cultura do reggae. (Almeida, 2023).

Para mim o reggae apareceu como um escape, sempre tive muita dificuldade de socializar até mesmo dentro de casa, foi aí que comecei a participar de um projeto da escola, o “mais cultura nas escolas” tinha uma professora de dança que ensinou os alunos a dançar reggae e kuduro, aí comecei a dançar ser mais participativa e interagir com meus colegas, fazer amizade. (Arlem, 2023).

[...] fazer parte de um movimento preto como o reggae é primordial principalmente pra uma cidade pequena como a nossa e que tem uma grande quantidade de pessoas pretas que se olham no espelho e se acham feios simplesmente porque são pretos é muito importante pra gente se olhar no olho e conversar mesmo que através da música sobre pertença, sobre quem somos e tudo que a gente pode ser, e ter a certeza de que não somos feios, e o reggae dá um banho no quesito beleza, é cada brinco, roupa e gente bonita que quanto mais tu frequenta tu quer se parecer com eles porque tu começa a achar tudo muito lindo e realmente é, tu quer vestir como elas, andar com elas, ser igual a elas, mas tu já é, já é preta, já é bonita. Já pertence ao reggae (Melo, 2023).

Por meio do reggae, jovens e adultos encontram voz e incentivo para lutar por melhorias em suas comunidades. O ritmo de mensagem libertadora faz do reggae uma ferramenta de resistência e transformação, reafirmando sua importância como parte da identidade cultural e social das periferias.

Os trechos das falas das entrevistadas destacam a importância do reggae como um movimento de valorização da identidade preta, através da socialização e envolvimento em projetos sociais que interessam e engajam a comunidade, especialmente em uma cidade pequena com população com mais de oitenta por cento negra (se somado pretos e pardos), segundo o IBGE (2022).

A última fala enfatiza como a estética e a cultura do reggae promovem um senso de pertencimento e autoestima, ajudando pessoas negras a se enxergarem de maneira positiva. A citação mostra que, muitas vezes, indivíduos negros enfrentam dificuldades em se reconhecerem como belos devido a padrões de beleza eurocêntricos impostos pela sociedade. No entanto, o reggae surge como uma força transformadora, oferecendo um espaço onde a estética negra é celebrada, seja por meio de roupas, acessórios ou atitudes. Essa vivência dentro do movimento fortalece a identidade e a autoconfiança, fazendo com que a pessoa perceba que já é parte dessa cultura e que sua beleza sempre esteve presente.

As falas também expressam como a educação ocupa um lugar central no processo de desconstrução de preconceitos e na valorização da identidade negra. Nesse sentido, é importante destacar a relevância da Lei 11.645/2008, que tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. Essa legislação representa um avanço significativo no combate ao racismo estrutural, ao promover o reconhecimento das contribuições dos povos negros e indígenas na formação da sociedade brasileira.

Ao dialogar com as vivências proporcionadas pelo movimento reggae, a educação antirracista se fortalece, criando possibilidades de reconhecimento, pertencimento e valorização da estética, da história e da cultura negra. Quando aliada a manifestações culturais como o reggae, a escola torna-se um espaço potente de formação crítica, capaz de romper com os padrões excludentes e fomentar a autoestima e a identidade positiva de crianças, jovens e adultos negros.

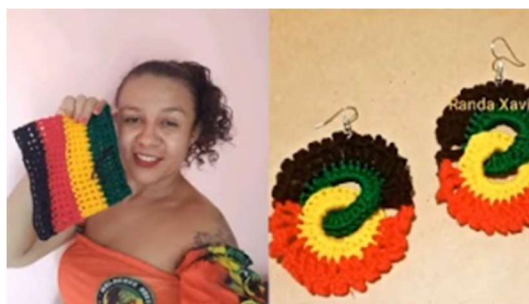
Além de seu papel na construção da identidade cultural, o reggae também exerce uma importante função social ao contribuir para a geração de renda. Esse impacto econômico se manifesta em diversos setores, como o comércio de produtos temáticos e a realização de eventos, criando oportunidades de trabalho para vendedores ambulantes/comerciantes e outros profissionais ligados à cena musical, como as mulheres que produzem acessórios e fazem penteados afros.

Imagem 09: Calçado confeccionado pelas regueiras



Fonte: Mídia social Mulheres Roots, 2024.

Imagem 10: Roupas e Acessórios confeccionados pelas regueiras



Fonte: Mídia social Mulheres Roots,2024.

Imagem 11: Penteados afros utilizados pelas regueiras



Fonte: Mídia social Mulheres Roots,2024.

A maioria dos eventos é organizada pelo próprio movimento, composto predominantemente por pessoas de baixa renda. A realização desses eventos é viabilizada pelo apoio financeiro de pequenos estabelecimentos comerciais, permitindo a contratação de radiolas e Dj's. Os eventos ocorrem, em geral, em espaços como bares, onde a venda de ingressos e a comercialização de bebidas representam uma importante fonte de renda. Além disso, a população local tem a liberdade de comercializar artigos personalizados, artesanato, alimentos e bebidas, ampliando as oportunidades de geração de renda e fortalecendo a economia na comunidade.

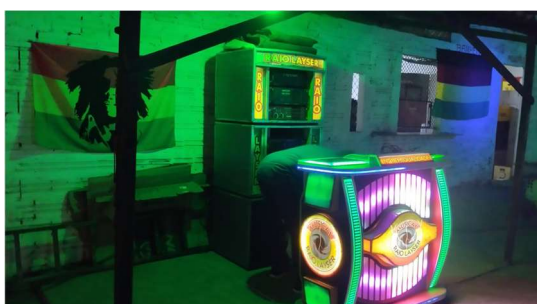
Apresentamos como exemplo desses eventos os bailes de reggae organizados pelo coletivo Mulheres Roots. Com mais de quatro anos de existência, o grupo é formado por mulheres pretas e pardas que atuam de maneira ativa na cena cultural codoense. O coletivo tem como principal objetivo fortalecer e preservar a cultura regueira da cidade, garantindo que essa manifestação não seja apagada ou esquecida com o tempo. Por meio da organização de eventos e ações culturais, o Mulheres Roots busca também inspirar outras mulheres negras a se reconhecerem como protagonistas de suas histórias, incentivando o empoderamento, a autoestima e a realização pessoal.

Imagem 12: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 13: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 14: Morador comercializando peças de artesanato em evento de reggae



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Imagem 15: Festa organizada pelo coletivo regueiro Mulheres Roots



Fonte: Carlyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

Nesse sentido, a população de baixa renda que comercializa no entorno dos eventos enxerga no reggae uma oportunidade de complemento de renda, fortalecendo a economia local de maneira significativa. A venda de produtos como artesanato, vestuário temático, alimentos e bebidas não apenas possibilita a subsistência de muitas famílias, mas também contribui para a valorização da cultura reggae como um movimento autossustentável. Além disso, essa dinâmica fomenta o empreendedorismo comunitário, incentivando a criação de redes de cooperação entre os comerciantes e fortalecendo os laços sociais dentro do próprio movimento. Dessa forma, o reggae transcende sua função cultural e artística, tornando-se um vetor de desenvolvimento econômico e social para as comunidades envolvidas.

Sem incentivo dos governos com aporte financeiro, os bailes são organizados pela própria comunidade para atender às suas demandas culturais e econômicas. Essa autogestão fortalece a autonomia do movimento reggae, garantindo a continuidade dos eventos por meio da colaboração entre moradores, comerciantes e artistas locais. A estruturação dessas festas depende do esforço coletivo, desde a arrecadação de recursos até a organização logística, evidenciando um modelo de economia solidária.

Nesse contexto, a ausência do Estado não apenas denuncia as desigualdades no acesso às políticas culturais, como também impulsiona um tipo de pensamento crítico entre os envolvidos. Ao perceberem que suas manifestações culturais são sistematicamente negligenciadas, os regueiros e regueiras passam a questionar a seletividade das políticas públicas e a marginalização de expressões culturais periféricas. Assim, o movimento reggae, ao mesmo tempo em que resiste e se reinventa, transforma-se também em espaço de formação política, consciência social e luta por reconhecimento.

2.4 O Mulheres Roots e o enfrentamento ao machismo

A trajetória desse movimento foi marcada por enfrentamentos violentos da polícia contra os praticantes do reggae, especialmente entre as décadas de 1980 e 1990. Naquele período, os regueiros eram frequentemente perseguidos pela polícia, vistos como marginais apenas por se associarem ao ritmo e à cultura reggae. No entanto, se a repressão policial era uma realidade para todos, as mulheres enfrentavam um duplo desafio: além de sofrerem com a desconfiança da sociedade, também precisavam lidar com o machismo dentro do próprio movimento. Para as mulheres negras, porém, as dificuldades eram ainda maiores, triplicando sua luta.

[...] a polícia ‘colou’ lá e a mãe disse que elas já desceram da viatura gritando e batendo, nelas eles não bateram, mas puxaram os cabelos e apagaram o cigarro no rosto de tia Chiquinha, liberam elas, mas “guardaram” o DJ, elas foram lá pra ver como iam fazer pra tirar ele e o policial falou que ele só ia sair depois de uns dias, mas se elas colaborassem ele podia sair bem mais cedo, e aqui a gente nem precisa explicar do que esse ‘embuste’ ‘tava’ falando né (a entrevistada se referiu a prestação de favores sexuais) , mas obvio que elas não quiseram e foram pra casa, ela me disse uma vez que sempre aparecia alguém para oferecer uma ‘ajuda’, mas em troca todos queriam a mesma coisa, o corpo da mulher negra sempre foi muito sexualizado e a vida delas sempre inferiorizada. (Silveira, 2023).

A forma como a sociedade enxergava as mulheres (principalmente as negras) naquela época era diferente, com determinações rígidas sobre seus comportamentos e espaços que poderiam ocupar. Frequentar os salões de reggae, ambientes predominantemente masculinos e regados a bebida, fazia com que fossem mal vistas não apenas pelos homens dentro do movimento, mas também pela sociedade em geral, que reforçava estereótipos negativos sobre aquelas que se aproximavam dessa cultura. Para as mulheres negras, essa realidade era ainda mais cruel, pois além do machismo, enfrentavam o racismo, que as colocava em uma posição de ainda maior vulnerabilidade e invisibilização.

Em cidades como Codó, onde a maior parte da população se autodeclara preta e parda, os estereótipos negativos associados às mulheres negras e ao reggae eram extremamente depreciativos. A sociedade não apenas as via com desconfiança por frequentarem os salões de reggae, mas também reforçava discursos racistas e machistas para deteriorar sua autoestima. Frequentemente, eram hipersexualizadas, tratadas como inferiores ou vistas como indignas de respeito, carregando o peso do racismo que atravessa gerações.

Dentro dos salões, esse preconceito se manifestava de diversas formas. Quando não estavam sendo importunadas pelos homens, eram maltratadas e desvalorizadas como mulheres, artistas e empreendedoras, como se não pertencessem àquele espaço. O estilo particular de dançar reggae no Maranhão, com um contato corpo a corpo muito próximo, tornava o ambiente ainda mais desafiador para as mulheres, que precisavam reafirmar constantemente seu direito de estar ali sem serem alvo de olhares maliciosos ou atitudes desrespeitosas. Para as mulheres negras, esse cenário era ainda mais desafiador, pois, além do machismo, enfrentavam a desumanização racial que sempre tentou limitar suas possibilidades de autonomia e expressão corporal.

No entanto, apesar desses desafios, o reggae se tornou uma poderosa ferramenta de resistência e afirmação identitária das mulheres negras. Através da música e da dança, as

mulheres negras de Codó e de outras regiões do Maranhão encontraram uma forma de se expressar, se fortalecer e ocupar espaços que historicamente lhes foram negados. Com o tempo, conquistaram respeito e reconhecimento dentro do movimento, tornando-se DJs, produtoras, dançarinas e lideranças. Hoje, embora ainda existam desafios, as mulheres reafirmam seu espaço na cultura reggae, mostrando que a música e a dança pertencem a todos e que sua presença não é apenas legítima, mas essencial para a identidade e a história do reggae no Maranhão.

3. SONS E LUTAS: A MULHER NEGRA E A AUTONOMIA NO REGGAE

*Outro dia tava num salão de reggae lá pras bandas do Maranhão
Vi um Maguinha com miçangas no cabelo no meio do salão
Rasta pé, corpo na canção
Toca radiola essa Maguinha é um furacão*
(Maguinha do Sá Viana, letra de César Nascimento)

O terceiro e último capítulo concentra-se em traduzir os sentimentos envolvidos na relação das mulheres negras com o reggae, narrar suas trajetórias, entender como estas trabalham para a manutenção dessa expressão cultural, identificando a maneira como são estigmatizadas mesmo sendo construtoras dessa cultura.

3.1 Amor, Resistência e Violência: Mulheres Negras e o Reggae

Muito embora figuras femininas como a Maguinha do Sá Viana serem celebradas em letras de músicas de reggae (como na canção de César Nascimento transcrita acima, onde ela surge vibrante, dançando no salão com suas miçangas no cabelo) a presença e os feitos das mulheres dentro desse universo ainda são muito pouco reconhecidos. Elas sempre estiveram nas festas, nas comunidades, ajudando a erguer radiolas, produzindo eventos e sustentando os movimentos culturais com trabalho, criatividade e resistência.

A relação das mulheres negras com o reggae é marcada por sentimentos de pertencimento, amor e compromisso, mas também por exclusão, estereotipação e violência simbólica. A invisibilização de seu trabalho e de sua presença não é um fenômeno isolado, mas sim um reflexo das dinâmicas de poder que estruturam a sociedade e se reproduzem dentro da cultura reggae.

Dessa forma, é pertinente investigar as razões por trás dessa marginalização, questionando como e por que mulheres que foram e são produtoras do reggae e continuam

sendo tratadas como coadjuvantes, ou até mesmo alijadas dos espaços que ajudaram a construir. Amor, Resistência e Violência: Mulheres Negras e o Reggae representa essa força silenciosa, porém imprescindível, cuja presença, embora frequentemente ignorada, é vital para a continuidade do reggae como uma expressão cultural potente e transformadora.

As mulheres negras desde os primórdios desse movimento são aquelas que enfrentaram inúmeras barreiras para garantir sua presença nos bailes de reggae, desafiando figuras de autoridade masculinas (pais, chefes, irmãos e outros homens) para que seus direitos sejam reconhecidos nesses espaços. Em nossas observações e escutas compreendemos que sua presença ampliou as formas de fazer e viver o reggae na cidade, além de contribuir para a subsistência de diversas famílias.

As narrativas informam que desde a juventude, muitas dessas mulheres precisaram transgredir normas impostas dentro de suas próprias casas, pular muros, enfrentar o medo das ruas escuras e os perigos nelas existentes, refutar hipóteses equivocadas sobre suas trajetórias, além de suportar agressões físicas e verbais. Tudo isso em prol do direito ao usufruto da cultura reggae.

É o trabalho invisibilizado das mulheres negras codoenses, que desempenham diversas funções, tais como bilheteiras, responsáveis pela limpeza, gestoras de clubes, atendentes em bares e promotoras de eventos. Muitas vezes, sem que se deem conta da importância de suas ações, essas mulheres garantem o sustento de suas famílias, asseguram a continuidade do reggae na cidade e abrem caminhos para que outras mulheres e meninas negras se sintam parte desse movimento cultural.

Para mulheres negras e empobrecidas a necessidade financeira faz com que busquem na cultura do reggae, além do lazer, sustento para suas famílias. Mesmo na condição de buscar o seu sustento elas eram constantemente julgadas e submetidas a imposições comportamentais rígidas. Nessa direção, a participação delas em movimentos relacionados à cultura do reggae, são vistos com desconfiança pela sociedade, reforçando as barreiras que já enfrentavam por se identificarem com o reggae.

[...] ela falava que pulava a janela do quarto dela escondido pra ir pras festa sem o pai dela saber e sem a irmã dela perceber senão ela ia ‘cagoetar’¹⁴ e a mãe ia acabar apanhando, isso porque o “bonitão”(o avô) lá era um homem branco e se não me

¹⁴ Delatar ou dedurar alguém

engano argentino, sei lá, casado com uma mulher negra retinta, mas era racista, ele dizia que não era pra minha mãe ir pro reggae porque ela já era preta e se ela se metesse com gente que não presta ainda ia ficar mal falada e não ia conseguir um marido bom, mas ela mesmo assim ia, não ligava ‘pras’ coisas que ele dizia (Silveira, 2023).

Mesmo a entrevistada estando reportando a sua mãe nas décadas de 1980 e 1990 essa visão reflete preconceitos sociais e raciais ainda comuns em nossa época, nos quais a reputação feminina era rigidamente controlada, especialmente de mulheres negras. Apesar das imposições do pai, a mãe da narradora não se deixava limitar por regras conservadoras que aprisionam a mulher ao espaço da casa e continuava indo às festas, demonstrando resistência e autonomia ao desafiar os padrões racistas e patriarcais impostos por sua própria família.

Apesar dessas dificuldades, a resistência continua. Movimentos como o feminismo negro têm sido fundamentais para denunciar o racismo e o sexismo estruturais, reivindicando políticas públicas que promovam a equidade de gênero e raça. Nesse contexto, o reggae mais uma vez protagoniza o papel de ferramenta social, tanto para reafirmar suas reivindicações enquanto mulheres negras, quanto para fortalecer a identidade cultural e a resistência frente às desigualdades. Através do engajamento de artistas e coletivos, o reggae se torna um espaço de denúncia e empoderamento, reafirmando a importância da representatividade e da luta por justiça social.

Porque o reggae é criado por preto para preto, a gente sente as batidas, a gente sabe o que cada letra que fala sobre resistir, sobre olhar pra trás e não esquecer de quem você é, sobre nunca esquecer o que fizeram com seu povo quer dizer, é o que dá força pra lutar pelo que a gente é, pra que as futuras gerações possam ter mais liberdade do que a gente tem, tenham mais facilidade de identificação, de aceitação e possam amar quem eles são (Melo, 2023).

É visível nas falas das mulheres entrevistadas que o reggae dialoga com o feminismo negro ao enfatizar a valorização das raízes negras, promovendo discursos de empoderamento que ressoam nas experiências de mulheres que enfrentam opressões interseccionais. Coletivos contemporâneos de reggae continuam essa tradição, criando espaços de resistência cultural e social, nos quais a música é tanto um grito de denúncia quanto um convite à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, o reggae não apenas reafirma as reivindicações das mulheres negras, mas também se mantém como um espaço de protagonismo e transformação, desafiando estruturas de poder e ampliando as possibilidades de resistência e emancipação.

A permanência das mulheres negras nos bailes de reggae e sua progressiva ocupação de novos espaços dentro desse universo só foram possíveis devido à sua resistência. Diante das restrições impostas por normas patriarcais e do controle social sobre seus corpos e comportamentos, muitas adotaram estratégias de enfrentamento, como pular muros para participar dos eventos, desobedecer a ordens paternas ao sair de casa às escondidas e até mesmo fugir da polícia, já que as atividades regueiras eram frequentemente associadas à marginalidade.

3.2 De damas do reggae à “Mulheres e Divas do Roots”

Em diálogos com as mulheres regueiras percebemos que ao longo do tempo elas sempre estiveram envolvidas com a cultura do reggae, mesmo em contextos históricos onde a presença da mulher em eventos públicos era criminalizada.

As participantes informaram que apesar de sempre terem estado presentes nos espaços onde o reggae era praticado, seja como ouvintes, divulgadoras ou mesmo articuladoras dos eventos, sua participação era frequentemente reduzida a um papel secundário, vistas mais como coadjuvantes do que como protagonistas na consolidação do gênero na região.

No entanto, ao reconhecerem sua relevância para o fomento e a continuidade do reggae codoense, essas mulheres passaram a se organizar de maneira semelhante aos coletivos masculinos, reivindicando espaço e demonstrando que também possuem conhecimento, sentimento de pertencimento, talento e competência para produzir, difundir e fortalecer essa expressão cultural. Uma participante tanto coletivo Mulheres Roots quanto do Divas do Roots relata:

A partir do momento que nós fazíamos muita coisa lá dentro, desde arrumar a participar de tudo mesmo e a gente era vista como damas, porque a maioria ia acompanhando seus maridos, companheiros, mas a gente não fazia só acompanhar, eles chamavam de damas, nós somos regueiras também, então a Célia deu a ideia da gente se unir também, se organizar coletivamente, então surgiu primeiro o “Mulheres Roots” e depois o “Divas do Roots”. (Moreira, 2024).

Essa mobilização não apenas ampliou a presença feminina no reggae local, mas também questionou hierarquias de poder historicamente impostas às mulheres, contribuindo para a construção de um movimento mais diverso e inclusivo. Também é possível perceber uma busca por reconhecimento da identidade regueira feminina, rompendo com estereótipos e afirmando sua participação como agentes atuantes na cena cultural. A idealizadora explica que

o grupo, que já possui seis anos de atividade, se origina também do medo do apagamento do reggae na cidade. Quanto a importância do coletivo ela explica que:

Foi criado pela falta de mulheres levantando essa bandeira tão importante que é o movimento reggae em nosso Maranhão principalmente na nossa Codó, o reggae para o nosso grupo é de suma importância, representa cultura uma dança, uma música que nos traz alegria. As nossas ações são muito importantes para a cultura da nossa sociedade. Nós somos um grupo de mulheres, o primeiro em nossa cidade a levantar essa bandeira. (Célia Maria, 2024).

O coletivo é composto por mulheres, de diferentes profissionais tais como técnicas em enfermagem, enfermeira, DJ's, crocheteiras, técnicas em radiologia, técnicas em água e indústria, secretárias do lar, mães de família dentre outras, segundo a idealizadora do coletivo:

[...] este grupo funciona como uma segunda família no qual convivemos, e participamos diretamente do nosso dia a dia. Reggae para nós é importante é uma forma de estarmos quebrando tabu com o preconceito e sermos aceitas pois o reggae para nós, é paz é cultura é não a violência e as drogas (Célia Maria, 2024).

O “Divas do Roots” e “Mulheres Roots”, são coletivos em que os eventos e as atividades que desenvolvem são significativos para a manutenção da cultura regueira na cidade. Elas desenvolvem atividades nos clubes e bares da cidade, organizam tributos e encontros entre a massa regueira a fim de celebrar o ser, ouvir boa música e confraternizar entre os iguais. Os coletivos são hegemonicamente compostos por mulheres afrodescendentes que trabalham em prol da valorização da cultura local.

O coletivo Divas do Roots que organiza eventos de reggae ao longo de todo o ano tem como uma de suas fundadoras Rozangela Marley, uma DJ que constantemente protagoniza festas como carnareggae, mega itamaraty e noite do eletro roots, além de outros eventos que reavivam a cena regueira de Codó, bem como encontros em homenagem a elas mesmas e aos coletivos, e contam com a presença de outras artistas mulheres de fora da cidade, como por exemplo as dj's Chirley Roots e Sandra Marley, respectivamente de São Luís e Imperatriz- Ma.

Imagem 16: DJ Rozangela Marley do coletivo Mulheres Root.



Fonte: Mídias sociais do coletivo, 2025.

O coletivo Mulheres Roots, criado e liderado pela criadora de conteúdo digital Célia Maria, é composto segundo a própria organizadora por “uma faixa de 80 mulheres” (Célia Maria, 2024), que juntas trabalham na realização de eventos de reggae por toda cidade, bem como realizam ações sociais pelos bairros da periferia onde doam cestas básicas e brinquedos. As criadoras foram premiadas no ano de 2022 com certificados pelo antigo proprietário do bar de reggae ZK espaço Roots, conhecido como Zeca Bala, pelas atividades que o grupo desempenha em prol da manutenção da cultura do reggae na cidade.

Realizamos diversos tipos de ação social, como quando existe alguma participante do grupo que está passando por um momento difícil nós mesmos procuramos nos ajudar da seguinte forma: fazendo rifa, bingo e nós também, criamos um natal solidário, todos os anos em dezembro, 24 de dezembro, nós temos o natal solidário no qual a gente arrecada alimentos não perecíveis e vamos à casa dos menos favorecidos para estar lhes ofertando essa cesta (Célia Maria, 2024).

Imagem 17: Doação de alimentos idealizado pelo coletivo Mulheres Roots



Fonte: Mídias sociais do coletivo, 2023.

Imagem 18: Encontro “social das Mulheres Roots”



Fonte: Redes sociais do coletivo, mulheres roots, 2024.

O grupo também já esteve na TV aberta no programa intitulado “Boteco do resumo” da emissora Maranhense TV Liberdade, bem como também no programa “Pedacinho do Brasil” da TV me conta” disponibilizada no youtube, onde em ambas as entrevistas as participantes dos coletivos apresentaram o grupo e ressaltam a importância de manter viva essa parte da cultura maranhense que ainda é tão descredibilizada midiaticamente, mas que as comunidades o adotam enquanto uma filosofia.

Imagem 19: Participação Mulheres Roots boteco do resumo



Fonte: Redes sociais do coletivo, mulheres roots, 2024.

Imagem 20: Participação no programa “Pedacinho do Brasil” da Tv me conta



Fonte: Mídias sociais do coletivo, 2025.

Os coletivos desempenham papéis importantes nas áreas periféricas da cidade no que diz respeito às suas funções sociais. Os coletivos de mulheres negras regueiras exercem um papel social fundamental nas periferias urbanas, atuando de forma solidária e transformadora em diversas frentes. Pertencentes a classe social de baixa renda essas mulheres se mobilizam para arrecadar e distribuir cestas básicas, muitas vezes utilizando recursos próprios e contando com o apoio de pequenos comércios locais, mostrando um profundo senso de responsabilidade coletiva e cuidado com a comunidade.

Além da atuação direta na luta contra a fome, esses coletivos fortalecem a identidade racial e cultural ao revelarem-se como fonte de inspiração para outras mulheres e meninas negras ao promoverem o orgulho de suas raízes e a valorização de suas trajetórias. Os eventos de reggae organizados por essas coletivas também se tornam espaços potentes de geração de renda, onde artesãs, como as crocheteiras que criam peças personalizadas, e vendedores ambulantes encontram oportunidade para comercializar seus produtos, garantindo uma renda extra essencial para a subsistência de muitas famílias. Dessa forma, esses coletivos se consolidam como agentes de resistência, empoderamento e desenvolvimento social nas bordas da cidade, onde a infraestrutura e a segurança tardam a chegar.

Imagem 21: Coletivo Divas do Roots na feira de artesanato da Cidade



Fonte: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024.

O reggae é lido enquanto uma ferramenta importante para o empoderamento de comunidades marginalizadas, promove a consciência sobre as raízes africanas, a resistência ao racismo, e o orgulho da identidade cultural.

Nesse sentido os coletivos de mulheres, não só solidificam uma herança cultural que ainda é marginalizada, como também contribuem para a transmissão da mesma para gerações futuras. A presença das mulheres nesse cenário simboliza não apenas a mudança na dinâmica de gênero dentro da cultura reggae, mas também a luta contínua por igualdade e reconhecimento.

3.3 “Surge mais uma Guerreira do Terceiro Mundo”

*“Surge mais um guerreiro
Do terceiro mundo
Levantando suas armas
Com seu grito de alerta
Pondo sua vida em jogo
Lutando pelo povo”*

(Guerreiro do terceiro mundo, letra de Edson Gomes).

"Surge mais uma Guerreira do Terceiro Mundo" não é apenas um verso, mas um chamado que ecoa gerações de luta, ancestralidade e resistência. No universo do reggae especialmente na experiência das mulheres negras em Codó a cultura não é algo fixo ou estático, mas sim um fluxo contínuo de memórias, gestos, ritmos e ensinamentos transmitidos entre os mais velhos e os mais jovens, de forma direta ou sutil. Esse processo de transmissão se dá nos conselhos, nas danças, nas vivências partilhadas em família e nas ruas.

Mesmo quando não há uma fala explícita, há um legado sendo entregue: um modo de existir, resistir e se reconhecer no mundo. É nesse entrelaçamento de gerações que se formam as “guerreiras do terceiro mundo”, mulheres que, ao herdar as marcas e os saberes de suas ancestrais, também constroem seus próprios caminhos de resistência e afirmação por meio da cultura regueira.

Mesmo diante de avanços nos debates sobre os direitos das mulheres e outras questões sociais, elas ainda enfrentam múltiplas formas de inferiorização. A padronização de comportamentos e a construção de estigmas continuam sendo estratégias utilizadas para classificá-las dentro de dicotomias conservadoras, como a da "mulher de respeito" versus a "mulher da vida". Essa lógica excludente se reflete também na cena regueira de Codó, onde, historicamente, a presença das mulheres negras nos bailes de reggae foi vista como um ato de transgressão. Em uma cidade marcada pelo conservadorismo, frequentar esses espaços mesmo que de forma secreta representava um gesto de resistência. Muitas mulheres relataram ter escapado de casa, pulado muros ou saído às escondidas para poder dançar e vivenciar o reggae, enquanto os homens, socialmente autorizados, transitavam livremente nesses ambientes.

Essa desigualdade no direito de ocupar espaços revela não apenas o machismo estrutural, mas também um processo histórico de tutela sobre os corpos femininos, especialmente os corpos negros. Ainda assim, as mulheres resistiram e continuam resistindo. Ocupam com protagonismo a cena regueira como cantoras, DJs, dançarinas, produtoras

culturais e empreendedoras. Mais do que frequentar os bailes, elas constroem, mantêm e transmitem a cultura do reggae para as novas gerações, desempenhando um papel fundamental na sua preservação e difusão.

Um exemplo marcante do processo de transmissão geracional pode ser observado na atuação de mulheres como a falecida mãe de santo Tereza Cega, fundadora da rádio comunitária “Voz Santa Helena”, localizada na Tenda Espírita Santa Helena, no bairro Codó Novo. A rádio, ainda em atividade, tornou-se um canal de expressão cultural para a comunidade, transmitindo rituais religiosos, festas, batizados e, entre os anúncios do cotidiano, como desaparecimento de pessoas, falecimentos e serviços locais, também irradiava o som do reggae. Foi nesse espaço que muitas meninas e jovens da periferia tiveram seu primeiro contato com o ritmo, como conta uma entrevistada:

Foi por mim mesma, ouvi na Voz Santa Helena e gostei, aí quando tinha lá perto da casa da mãe eu ia escondida pra ela não brigar. Muito sem noção de nada, era menina sem ter noção do perigo, ia sozinha pra lá de noite sem ela saber onde eu tava, jurando que eu tava bem deitada, entrava por trás do clube Xamegão, pelo pé de manga e pulava lá pra dentro pra dançar (Luz, 2023).

Outro exemplo dessa passagem de saberes entre gerações é a história de Dona, figura central na cena regueira do bairro Codó Novo entre as décadas de 1990 e 2000. Dona criou e administrou o bar/clube “Apolos”, espaço que se tornou referência entre os jovens da cidade. Enfrentando preconceitos e subestimações, negociou com empresários os chamados “magnatas” e organizou festas que reuniam centenas de pessoas. Mesmo desacreditada por muitos, com frequência chamada de “doida” ou “abestalhada”, soube articular estratégias, conquistar respeito e movimentar a economia local. Como lembra Dona do Carmo:

[...] finada Vitória que começou a negociar, falava com os homem que tocava nas radiolas, ela que fazia tudo acontecer, magnata que só ela, mas de primeira ninguém dava nada [...] Eles achavam que estavam enganando ela, mas estavam assinando negócio com gente sabida (Carmo, 2023).

Após a morte de Dona, seu filho assumiu a gestão do clube, mas, segundo relatos, não teve o mesmo sucesso. O Apólos encerrou suas atividades em 2012. Ainda assim, sua memória permanece viva no imaginário coletivo como um espaço de pertencimento, alegria e resistência, especialmente para as juventudes negras periféricas.

Através dessas histórias, percebemos que o reggae em Codó é muito mais do que música: é herança, saber ancestral, e vínculo comunitário. Mulheres como Dona e Tereza Cega

não apenas ocuparam espaços tradicionalmente negados a elas, como também garantiram que o conhecimento, a arte e os valores do movimento regueiro fossem transmitidos às novas gerações. Suas ações, muitas vezes invisibilizadas pela historiografia oficial, foram fundamentais para manter viva a chama do reggae na cidade e para formar novas "guerreiras do terceiro mundo", que seguem resistindo com coragem, criatividade e orgulho de sua cultura.

Essas memórias e experiências revelam que, embora por muito tempo tenham sido invisibilizadas, ridicularizadas ou subestimadas, as mulheres negras foram e continuam sendo protagonistas na construção, manutenção e difusão da cultura regueira em Codó. Seja organizando clubes, negociando com empresários, comandando rádios comunitárias ou desafiando normas sociais para ocupar os bailes e dançar, elas deixaram marcas que ecoam até os dias atuais.

Esse legado, construído com coragem, afeto e resistência, não se perdeu no tempo. Ao contrário, ele germinou. A semente plantada por mulheres como Dona, Tereza Cega e tantas outras que ousaram ocupar espaços culturais em um cenário conservador, floresce hoje nas trajetórias das meninas e jovens mulheres que se reconhecem como parte da cena regueira codoense. São herdeiras de uma luta silenciosa e cotidiana, mas potente, que abriu caminhos para que hoje elas possam viver o reggae de forma mais livre, criativa e afirmativa.

As novas gerações não apenas consomem o reggae, mas o ressignificam e reinventam. Usam suas redes sociais para divulgar festas, produzir conteúdos sobre o reggae, resgatar histórias antigas e criar novas linguagens dentro do movimento. Além disso, articulam o reggae a outras pautas importantes, como o feminismo negro, o antirracismo e o direito à cidade, mostrando que a cultura é também ferramenta de transformação social.

Sendo praticante, enxergo como um movimento tão importante para a cidade já que somos. Maioria negros e pardos, ele traz o sentido de que nós não somos a ralé, nós não pertencemos a ralé, nós somos grandes, negros, nós somos a força e o que nos mantém de pé é a ancestralidade (Participante 22, 2024).

O que se observa é uma continuidade histórica marcada pela força da ancestralidade. Ao ouvirem histórias contadas pelas mais velhas, ao ocuparem os mesmos espaços que antes foram palco de exclusão e luta, essas meninas mais jovens não apenas homenageiam quem veio antes, mas também reafirmam o reggae como território de pertencimento, criação e poder para as mulheres negras. Em suas danças, vozes e presenças, carrega-se um passado de resistência e um futuro de possibilidades.

Uma das entrevistadas relembra com carinho as festas de reggae organizadas pelos próprios pais no quintal de casa, memórias que ainda hoje a emocionam. Segundo ela, bastava acordar para perceber, nos detalhes do ambiente, que aquele seria um dia especial. A movimentação começava logo pela manhã, com a mãe limpando o terreiro¹⁵, varrendo cada canto e batendo com um soquete para nivelar o chão. Em seguida, molhava a terra para evitar que a poeira se levantasse durante o baile. À medida que o dia avançava, o clima de festa tomava forma. No fim da tarde conta que, a mãe pendurava pisca-piscas coloridos, iluminando o espaço e transformando-o em um ambiente mágico aos olhos da infância.

Foi nesse cenário de encanto e celebração que surgiu o grupo de dança As Manguinhas, formado por quatro meninas, a entrevistada Luanna, Lorraine e outra colega cujo nome se perdeu na lembrança. Apesar da pouca idade (crianças entre 9 a 12 anos), levavam a brincadeira a sério. Em um pequeno caderno, adquirido a custo de um real, anotavam os nomes das músicas, os modelos das roupas que deveriam estar sempre combinando e até o lugar onde cada uma se posicionaria na apresentação. Passavam as tardes inteiras planejando os detalhes e ensaiando, mesmo que, muitas vezes, os planos não se concretizassem, pois algumas adormeciam antes da hora da apresentação, vencidas pelo cansaço, e outras sequer conseguiam permissão dos responsáveis para sair de casa à noite, por serem ainda crianças. Ainda assim, aquelas tardes de preparação e expectativa ficaram marcadas na memória como experiências de alegria, pertencimento e imaginação, que ajudaram a construir a relação afetiva com o reggae desde muito cedo.

Imagem 22: Croqui da apresentação feito pela entrevistada

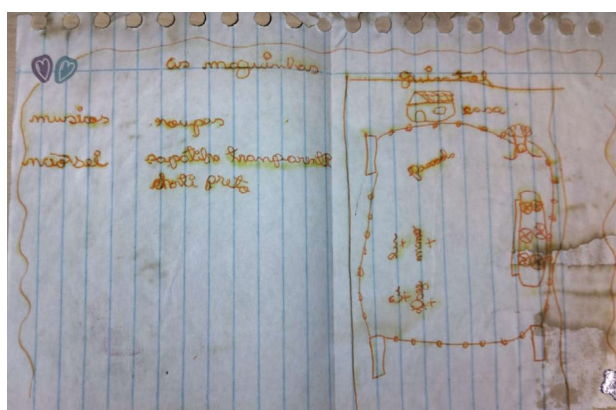


Imagem: Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira, 2024

¹⁵ Palavra usada no Maranhão para referir-se principalmente a uma área externa de uma casa, como um quintal.

A importância das novas gerações terem se conectado ao reggae desde cedo revela não apenas a força da cultura regueira em Codó, mas também o modo como essa expressão musical e comunitária atravessa afetos, histórias familiares e trajetórias de vida. O vínculo precoce com o reggae contribui para a formação de uma identidade cultural enraizada, que não se limita à apreciação musical, mas envolve sentimentos de pertencimento a um grupo social que promove o despertar crítico sobre a condição da mulher negra. Ao se verem inseridas nesse universo desde a infância, as jovens não apenas reconhecem o legado deixado por suas mães e avós, como também o recriam em seus próprios modos de estar no mundo.

Essa herança afetiva se revela com intensidade em outro relato da pesquisa, vindo de uma mulher idosa que, mesmo enfrentando os desafios do Alzheimer, encontra na memória fragmentada pontos de luz que a reconecta com sua trajetória de vida. Nos momentos de lucidez, é comum que ela se recorde de pessoas queridas, dos filhos, de cenas da infância e, principalmente, de histórias vividas na cultura reggae. Uma dessas lembranças, repetida com frequência aos familiares, é a do nascimento de sua filha, ocorrido durante uma festa de reggae.

[...] tinha alguma coisa me sussurrando “fica por cá, fica por cá” eu sempre teimosa resolvi ouvir a voz [...] meu sentido deu de novo, entra nessa casa, e eu de metida me entrei nessa casa que nem sabia de quem era, da janela, olhei pra fora e vi que parecia uma pracinha o lugar, mas tinha alguma coisa estranha, eu olhava pra rua que levava pra sair dali e não me dava vontade, me dava era medo e eu falei comigo assim “desse reggae eu não saio”, passou, passou, a dor começou subir, aumentou e eu gritava, daqui a pouco eu só escuto uma voz alta dizendo “tem uma mulher parindo na casa de Ferreirinha, baixe a música e quando o choro de Fernanda cantou na sala, a dona da casa disse agora é banhar e festejar essa menina (Silva, 2024).

Para ela, não foi coincidência: a filha nasceu ao som do reggae e, desde então, carrega essa ligação como parte de si. A entrevistada acredita que aquela batida, presente nos primeiros respiros da menina, ajudou a moldar seu espírito e talvez seja por isso que, até hoje, a filha segue envolvida com a música, a dança e a cultura regueira. Trata-se de uma memória que sobrevive ao esquecimento, atravessa o tempo e reforça como o reggae é, para muitas mulheres de Codó, mais do que uma trilha sonora, é marca de identidade, laço familiar e fio contínuo entre gerações.

As novas guerreiras do terceiro mundo reconhecem a trajetória das mais velhas, as admiram e continuam a traçar suas próprias batalhas dentro dos espaços onde o reggae se faz acontecer. Reconhecer essa trajetória é reconhecer o longo processo de existência e resistência das mulheres negras do movimento regueiro de Codó, mulheres que dançam, produzem, ensinam, resistem e sonham.

Entre festas no quintal, radiolas comunitárias, clubes improvisados e memórias resgatadas com afeto, o reggae aparece como mais do que uma expressão musical, ele se revela como um território de construção identitária, de afirmação cultural e de herança coletiva. As vozes das mais velhas, mesmo marcadas por silenciamentos ou esquecimentos, continuam ecoando nas vivências das mais jovens, que seguem ocupando e reinventando os espaços que lhes foram negados. Ao acompanharmos essas trajetórias, compreendemos que cada batida de reggae carrega não apenas som, mas história, memória e pertencimento. E enquanto houver alguém para dançar, lembrar e transmitir, a cultura regueira seguirá pulsando como resistência e como vida das mulheres negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o reggae continue a crescer e a fortalecer sua identidade em Codó, é essencial que haja maior apoio governamental e empresarial, com políticas públicas eficazes que garantam espaços adequados para apresentações, incentivos para artistas e investimentos na promoção de eventos que celebrem essa rica manifestação cultural. A ausência histórica desse apoio, como demonstrado ao longo desta pesquisa, não impediu a continuidade do movimento, mas obrigou a comunidade regueira, em especial as mulheres negras, a recorrer à autogestão, à criatividade e à resistência para manter viva a cultura regueira.

Este estudo evidenciou não apenas a presença das mulheres negras nos espaços do reggae em Codó, mas, sobretudo, o papel central que elas desempenharam (e continuam a desempenhar) na sustentação, reinvenção e transmissão dessa cultura. Através dos relatos das entrevistadas, foi possível perceber como essas mulheres enfrentaram o conservadorismo social, a invisibilização e os estigmas de gênero e raça, e ainda assim encontraram maneiras de se expressar, de pertencer e de transformar seu entorno por meio da música.

Ao resgatar histórias de festas no quintal, clubes gerenciados por mulheres, rádios comunitárias, grupos infantis de dança e até mesmo memórias afetivas de partos embalados pelo som da radiola, este estudo reafirma o reggae não apenas como um gênero musical, mas como um espaço simbólico e concreto de construção de identidade, memória e coletividade. Ele se revela como um território onde as vozes historicamente marginalizadas encontram força, reconhecimento e continuidade mesmo quando sofrem com tentativas de silenciamento pelas estruturas dominantes.

Outro ponto fundamental que emerge do estudo é o papel da transmissão intergeracional do reggae entre mulheres, revelando como a cultura regueira ultrapassa o tempo, sendo passada de mães para filhas, de mais velhas para mais jovens, seja através das histórias contadas, das práticas vividas ou dos sonhos compartilhados. A memória, mesmo fragmentada como no caso da entrevistada, Silva que convive com o Alzheimer, preserva o essencial, o afeto, a música, o pertencimento.

Os resultados obtidos neste estudo indicam múltiplas possibilidades para pesquisas futuras. Investigações subsequentes podem aprofundar a análise da participação de mulheres negras e examinar de forma mais detalhada as estratégias de resistência cultural frente ao machismo e ao racismo. Além disso, o acompanhamento longitudinal desses coletivos permitiria compreender como as dinâmicas internas e o contexto social impactam a sustentabilidade dessas iniciativas. Dessa forma, a continuidade da pesquisa contribui não apenas para ampliar o conhecimento acadêmico sobre o tema, mas também para fortalecer políticas culturais e práticas que valorizem a atuação das mulheres negras no reggae e na preservação da cultura.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o reconhecimento das mulheres negras como agentes centrais na construção da cultura de Codó e incentive novas investigações e ações que valorizem suas vozes. Que o reggae, com sua batida firme e mensagem libertadora, continue sendo trilha de luta, de afirmação e de alegria para as gerações que vierem sempre embaladas pela força das que vieram antes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Camila Vieira da Silva de. **Mulheres negras, opressões, feminismo negro e entretenimento**. 2018.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Pan-africanismo: história e política**. São Paulo: Selo Negro, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Rastafáris: religião e identidade na diáspora negra**. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1991.

GOMES, Edson. **Guerreiro do terceiro mundo**. In: GOMES, Edson. Edson Gomes. Salvador: Eldorado, 1988. 1 disco sonoro (LP).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

HIRANO, Luis Felipe Koj; CARDOSO, Lourenço; SILVA, Ana Flávia Magalhães da (org.). **Marcadores sociais da diferença: fluxos, trânsitos e intersecções**. São Paulo: ABPN, 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Comunicação Social. **Museu do Reggae é guardião da memória e cultura da Capital Nacional do Reggae**. São Luís, 14 set. 2023. Disponível em: <https://www.ma.gov.br/noticias/museu-do-reggae-e-guardiao-da-memoria-e-cultura-da-capital-nacional-do-reggae>. Acesso em: 26 ago. 2025.

NASCIMENTO, César. **Maguinha do Sá Viana**. In: NASCIMENTO, César. César Nascimento ao vivo. São Luís: Independente, 1997. 1 disco sonoro (CD).

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Movimentos religiosos no Brasil: católicos, protestantes e afro-brasileiros**. São Paulo: Paulinas, 2001.

RABELO, Danilo. **Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981**. 2006. 119 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.

SILVA, Luiz Felipe de. **Reggae no Maranhão: música e identidade cultural**. São Luís: UFMA, 1995.

SOIHET, Raquel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Raquel. **Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SOUZA, Tânia da Costa. **O reggae no Maranhão: música e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença**. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14-18, 01 ago. 2014.

ENTREVISTADAS

ALMEIDA, Natalia dos Santos. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 19/02/2024.

ARLEM, Aline Oliveira de Souza. Participante do movimento regueiro. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 22/11/2023.

CARMO, Maria do Carmo (Dona do Carmo). Ex-funcionária do Bar Apollos Clube. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 21/02/2023.

LUZ, Maria Luanna. Participante do movimento regueiro, integrante do grupo As Maguinhas. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 04/04/2023.

MARIA, Célia. Idealizadora do coletivo Mulheres Roots. Entrevista cedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 05/08/2024.

MELO, Dayane Vitória de. Ex-cantora de reggae. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 10/04/2023.

MOREIRA, Ana Karla Silva. Integrante do coletivo Mulheres Roots e Divas do Roots. Entrevista cedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 20/11/2024.

SILVA, Leidiane Everton. Participante do movimento regueiro. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 16/02/2024.

SILVEIRA, Maria Alexandra da Silveira. Participante do movimento regueiro. Entrevista concedida a Carolyne de Jesus Cantanhede Moreira em: 30/12/2023.

APÊNDICES

A - Formulário de caracterização étnico e socioeconômico

Cadê o reggae do teu bairro?

B *I* U  

O presente formulário corresponde a uma das metodologias aplicadas no projeto intitulado “Entre Restrições e Resistência: Uma análise da participação das mulheres afrodescendentes no cenário do reggae codoense” e objetiva coletar dados a respeito da predominância do ritmo do reggae para os moradores da cidade de Codó-MA, bem como identificar aqueles que o consomem.

Nome *

Texto de resposta curta

Idade

Texto de resposta curta

Raça *

- ☐ Preta
- ☐ Branca
- ☐ Amarela
- ☐ Parda
- ☐ Outra

Gênero

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro
- ☐ Prefiro não informar

Situação econômica

- ☐ Baixa renda
- ☐ Classe média
- ☐ Outra

Profissão

Texto de resposta curta

Bairro

- ☐ Codó Novo
 - ☐ 'São Francisco
 - ☐ São Sebastião
 - ☐ Santa Terezinha
 - ☐ São Pedro
 - ☐ Jerusalém
 - ☐ Centro
 - ☐ Multirão
 - ☐ Santo Antônio
 - ☐ São Raimundo
 - ☐ São Benedito
 - ☐ São Vicente Palloti
 - ☐ outro
-

Qual a sua visão quanto a importância do reggae para a cultura negra ? *

Texto de resposta longa

Como você acha que a maioria das pessoas enxergam o reggae e as pessoas que fazem parte do movimento ? *

Texto de resposta longa

Por onde se deu o seu contato com o reggae ? *

Texto de resposta longa

Você iria em uma festa de reggae? Porque ? *

Texto de resposta longa

Como você enxerga o cenário do reggae ? *

Texto de resposta longa

Como é o reggae no seu bairro ?

Texto de resposta longa

Você já passou por alguma situação de agressão (física, verbal, assédio, racismo e outros) dentro das imediações onde ocorriam o reggae, fora dele ou por fazer parte do movimento do reggae? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não quero falar

Caso sua resposta tenha sido "Sim" na pergunta anterior e você se sentir a vontade para narrar o acontecido utilize o quadro abaixo

Texto de resposta longa
